

ENSINO RELIGIOSO

ANOS FINAIS – 6º



DIVERSIDADE RELIGIOSA



ITAPIPOCA - CE

PREFEITO MUNICIPAL

João Ribeiro Barroso

VICE-PREFEITO

José Edísio Pacheco Teixeira

COORDENADORA PEDAGÓGICA

Ângela Maria Sousa

GERENTE DO MAIS PAIC

Virgínia Rodrigues Diniz

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Paulo Henrique Rosa Barroso

GERENTE DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

Ângela Maria Magalhães

TÉCNICO RESPONSÁVEL

Marcos Antônio dos Santos Freitas Filho

APRESENTAÇÃO

Este material de suporte sugestivo, pertinente às aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental dos Anos Finais, foi produzido de modo compilativo, visando contribuir com as aulas dos docentes da rede pública municipal de ensino no que se refere o aspecto confessional e proselitista, conforme a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394/96, artigo 33, da LDBEN:

Art. 33 – O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Educação Básica assegurado o respeito à diversidade religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§1º – Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão de professores.

§2º – Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (BRASIL, 1996).

Neste sentido, um dos grandes desafios da escola e da disciplina de Ensino Religioso é efetivar uma prática de ensino voltada para a superação do preconceito religioso, como, também, desprender-se do seu histórico confessional catequético, para a construção e consolidação do respeito à diversidade cultural e religiosa. Um Ensino Religioso de caráter doutrinário, como ocorreu no Brasil Colônia e no Brasil Império, estimula concepções de mundo excludentes e atitudes de desrespeito às diferenças culturais e religiosas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	03
-------------------	----

TEXTOS SAGRADOS

MITOS DE ORIGEM: ONDE A VIDA COMEÇA?.....	06
OS TEXTOS SAGRADOS E OS MITOS.....	14
OS DIFERENTES TEXTOS SAGRADOS ESCRITOS.....	22

CAPÍTULO 4

SÍMBOLOS RELIGIOSOS

OS SÍMBOLOS COMUNICAM.....	34
O FOGO COMO SÍMBOLO SAGRADO.....	40
A ÁGUA COMO SÍMBOLO SAGRADO.....	48

TEXTOS SAGRADOS

São ensinamentos Sagrados, transmitidos de forma oral e escrita pelas diferentes culturas religiosas, expressos na literatura oral e escrita, como em cantos, narrativas, poemas, orações, pinturas rupestres, tatuagens, histórias da origem de cada povo contadas pelos mais velhos, escritas cuneiformes, hieróglifos egípcios, etc.

Assim, este capítulo está dividido em três unidades:

1. Mitos de origem: Onde a vida começa?;
2. Os textos sagrados e os mitos;
3. Os diferentes textos sagrados escritos.

Os objetivos propostos no desenvolvimento destas unidades são:

- Identificar as diversas formas de textos sagrados;
- Compreender a função dos textos sagrados reconhecendo sua expressão em linguagem simbólica;
- Conhecer o nome dos livros sagrados, bem como alguns ensinamentos por eles veiculados, relacionando-os à tradição religiosa a que pertencem.

MITOS DE ORIGEM: ONDE A VIDA COMEÇA?

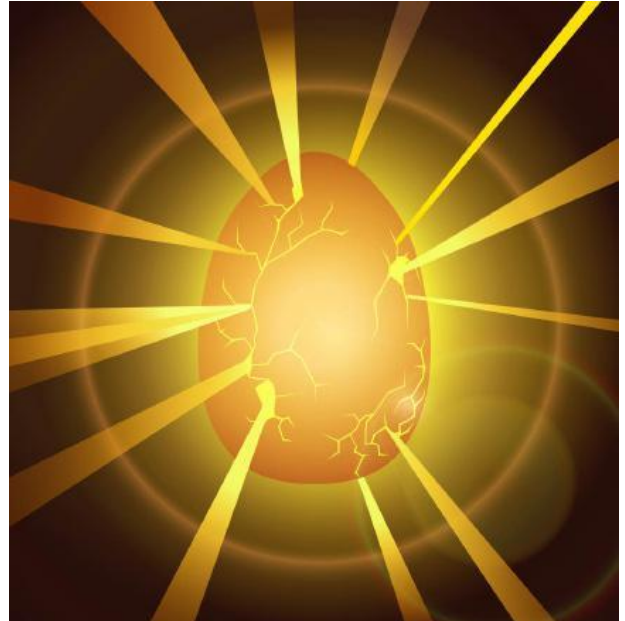
O que são os Mitos? Para que eles servem?

Mito é o mesmo que lenda?

Os mitos de origem são histórias simbólicas que narram acontecimentos de um passado distante. Eles dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo e todos os seres passaram a existir.

Os mitos se relacionam com a vida social, a religiosidade, o modo de pensar de cada povo. Eles expressam maneiras diferentes de compreender o surgimento do universo, da vida, da humanidade e do planeta onde vivemos.

Os mitos fazem parte da cultura e da religião de todos os povos. Desde os tempos mais remotos, eles são, certamente, o primeiro recurso de linguagem simbólica utilizada pelos seres humanos com o propósito de explicar a realidade. Trata-se de uma linguagem poética e intuitiva que vai além da lógica racional. Os mitos de origem são uma tentativa de explicar, por meio de narrativa, o surgimento de todas as coisas.



Qual será a diferença entre mito, lenda, conto e fábula?

Os mitos são narrativas sobre a origem do mundo, dos homens e das coisas por meio das relações entre Deuses e forças sobrenaturais, cuja ação aconteceu quando o mundo foi formado, o princípio.

Ou seja, o mito é, com frequência, a narrativa sobre o tempo, onde tudo foi criado, e sempre é objeto de crença. Exemplo: Gênese, cosmovisão indígena e africana.

O mito também é uma narração que explica os fatos da realidade, os fenômenos da natureza. Eles são bastante simbólicos, suas histórias são carregadas de metáforas. Neles aparecem Deuses, seres sobrenaturais, heroínas, heróis, etc. O mito nos fornece mensagens profundas sobre nossa própria experiência humana. As histórias contadas pelas religiões, tenham elas sido escritas ou não, são consideradas mitos religiosos para os pesquisadores de religiões. O mito religioso explica a realidade por meio de histórias sagradas.

As lendas são narrativas que misturam fatos, lugares reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. Elas procuram dar explicações para acontecimentos misteriosos e sobrenaturais. Exemplo: Boitatá e Curupira. As lendas se vinculam ao folclore. Na medida em que são contadas, elas vão se modificando ao modo de quem conta a história.

O conto, por sua vez, é uma narrativa que acontece em qualquer lugar e tempo (presente, passado ou futuro). O conto não se aprofunda nas características físicas e nas ações dos personagens. A função do conto é procurar levar o narrador a se envolver na trama. Exemplo: Bela Adormecida e Rapunzel.

A fábula é uma narrativa com objetivo de trazer algum ensinamento moral, cujos personagens são animais dotados de qualidades humanas. Exemplos: Chapeuzinho Vermelho e a Lebre e a Raposa.

Atividade

1) Assinale com um (x) a resposta correta

a) Narrativa com o objetivo de trazer ensinamento moral.

() mito () lenda () conto () fábula

b) Narrativas que misturam fatos, lugares reais e históricos com acontecimentos que são fruto da fantasia. () mito () lenda () conto () fábula

c) Narrativa que acontece em qualquer lugar e tempo (presente, passado ou futuro) e não se aprofunda nas características físicas e nas ações dos personagens.

() mito () lenda () conto () fábula

d) Narrativas sobre a origem do mundo, dos homens e das coisas, por meio das relações entre Deuses e forças sobrenaturais cuja ação acontece quando o mundo foi formado, o princípio.

() mito () lenda () conto () fábula

2) Em grupo, pesquise um mito, uma lenda, um conto e uma fábula e, após, apresente aos seus colegas.

Os mitos de origem

As culturas religiosas do mundo todo se desenvolvem por meio da linguagem simbólica, que transmite por meio de seus mitos ensinamentos fundamentais, e que se traduzem na poética do corpo, por meio dos rituais.

As tradições religiosas se valem de suas histórias sagradas para transmitir mensagens profundas aos seus seguidores, nelas muitos segredos são revelados em parte, mantendo assim a sua parcela de mistério.

Na busca pela totalidade, pela integração, os mitos religiosos cumprem um papel fundamental, eles organizam e apresentam aos seres humanos possibilidades de superação, e de maior contato consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com o sagrado.

Pelos mitos as pessoas se aproximam do mistério. É por esta perspectiva que compreendemos o mito, no contexto das religiões. O mito religioso é a expressão verbal do mistério, este guarda e ao mesmo tempo revela conhecimentos sagrados. Ele é essencialmente simbólico e cumpre a tarefa de enviar mensagens que atingem os planos conscientes e inconscientes dos seres humanos.

O mito organiza entendimentos de mundo e fornece a inspiração necessária para dar sentido para a vida e conduzi-la conforme um plano, muitas vezes, considerado divino.

Os mitos também favorecem o fortalecimento dos laços de uma comunidade, pois oportuniza que as pessoas vivenciem as mesmas compreensões de vida e de mundo o que unifica o grupo despertando sentimentos e desejos compartilhados por todos. Assim, os mitos atuam profundamente tanto no indivíduo quanto no grupo.

Concluimos que uma das tarefas principais do mito é fornecer apoio e motivar o indivíduo a

participar de uma vida mais ampla e plena de sentido.

O mito de origem mais conhecido entre nós, por influência da cultura judaico-cristã, é o narrado na Bíblia, que afirma que as pessoas foram criadas “a imagem e semelhança do Criador”, porém as demais tradições também têm seus mitos de origem.



Fonte: SEED/DITEC

ALGUNS MITOS DE ORIGEM

Matriz africana

Na mitologia yorubá, o Deus Supremo é Olorum, chamado também de Olodumare, na qualidade de criador de tudo o que existe. Olorum criou o mundo, todas as águas, terras, todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos. Até que ordenou que Oxalá criasse o homem.

Oxalá criou o homem a partir do ferro e depois da madeira, mas ambos eram rígidos demais. Criou o homem de pedra - era muito frio. Tentou a água, mas o ser não tomava forma definida. Tentou o fogo, mas a criatura se consumiu no próprio fogo. Fez um ser de ar que depois de pronto retornou ao que era, apenas ar. Tentou, ainda, o azeite e o vinho sem êxito.

Triste pelas suas tentativas infecundas, Oxalá sentou-se à beira do rio, de onde Nanã emergiu indagando-o sobre a sua preocupação. Oxalá fala sobre o seu insucesso. Nanã mergulha e retorna da profundidade do rio e lhe entrega lama. Mergulha novamente e lhe traz mais lama. Oxalá, então, cria o homem e percebe que ele é flexível, capaz de mover os olhos, os braços, as pernas e, então, sopra-lhe a vida. (Texto adaptado do site: Santuário dos orixás.).

Hinduísmo

Conta um mito hinduístas que assim como um homem solitário e infeliz, Deus também se sentia sozinho e queria uma companhia. Como ele era tão grande quanto um homem e uma mulher juntos, pode se dividir em dois. Foi assim que nasceu o marido e a esposa.

Deus disse: - O homem é só metade; sua esposa é a outra metade.

Eles se uniram e a humanidade nasceu.

Então a mulher pensou: já que ela e o homem vinham do corpo do mesmo Deus, iria se esconder, e se transformou em vaca, ele logo se transformou em touro e foi assim que nasceu o gado.

Então ela se tornou numa égua, e ele rapidamente se transformou num garanhão; ela se tornou uma jumenta, ele um jumento; assim eles se uniram e deles nasceram os adoráveis animais que possuem casco. Depois ela se tornou uma cabra e ele um bode e tiveram graciosos cabritinhos. E, então, se tornou uma ovelha e ele um carneiro; eles se uniram e as ovelhinhas nasceram.

Vejam só, dessa forma tudo foi criado do corpo de Deus, macho e fêmea em todas as suas formas de vida.

Como você percebeu, o hinduísmo vê o sagrado se manifestando na forma feminina e masculina.

A Deusa Laksmi é considerada esposa do Deus Vishnu, aquele que sustenta e mantém o universo.

Ela representa a beleza, a riqueza material e espiritual, bem como a generosidade. Geralmente ela é representada de pé ou sentada sobre uma flor de lótus desabrochada, segura em duas de suas mãos flores de lótus, e das outras duas caem moedas de ouro.

Atividade

- a) Em uma folha de papel escreva seu nome e desenhe a representação de mitos de origem de duas culturas religiosas diferentes.
- b) Abaixo de cada desenho deixe um espaço com um traço, para que seja, mais tarde, preenchido por outra pessoa, com o nome da religião a que pertence cada imagem que você desenhou.
- c) Depois que você tiver elaborado as ilustrações, entregue para seu professor (a) que embaralhará as folhas e as entregará aleatoriamente para os colegas. Estes receberão a folha, colocarão nela seu nome, e ao olharem os desenhos identificarão e escreverão o nome da religião que está ali representada.
- d) No final, o professor recolhe os trabalhos e os entrega novamente para que o autor ou autora dos desenhos verifique se a identificação do nome da religião está correta, ou seja, se o nome condiz com o desenho.
- e) Novamente a folha será entregue aos que escreveram nela a fim de que verifiquem se conseguiram acertar o nome das tradições ali representadas.

Mito Tupinambá

Monã criou o céu, a terra, os pássaros e todos os animais. Antes não havia mar, que surgiu depois, formado por Amaná Tupã, o Senhor das nuvens.

Os homens habitavam a Terra, vivendo do que ela produzia, regada pelas águas dos céus. Com o tempo, passaram a viver desordenadamente segundo seus desejos, esquecendo-se de Monã e de tudo que lhes ensinara.

Nesse tempo Monã vivia entre eles e os tinha como filhos. No entanto, Monã, vendo a ingratidão e a maldade dos homens, apesar de seu amor, os abandonou, e à Terra também. Depois lhes mandou tatá, o fogo, que queimou e destruiu tudo. O incêndio foi tão imenso, que algumas partes da superfície se levantaram, enquanto outras foram rebaixadas. Desta forma surgiram as montanhas.

Deste grande incêndio se salvou apenas uma pessoa, Irin-Magé, porque foi levado para a Terra de Monã.

Depois dessa catástrofe, Irin-Magé dirigiu-se a Monã e, com lágrimas, o questionou:

- Você, meu pai, deseja acabar também com o céu? De que me serve viver sem alguém semelhante a mim?

Monã, cheio de compaixão e arrependido do que fizera por causa da maldade dos homens, mandou uma forte chuva que começou a apagar o incêndio.

Como as águas não tinham mais para onde correr, foram represadas, formando um grande lago, chamado Paraná, que hoje é o mar.

Suas águas até hoje são salgadas, graças às cinzas desse incêndio que com elas se misturaram. Monã, vendo que a Terra havia ficado novamente bela, enfeitada pelo mar, pelos lagos e com muitas plantas que cresciam por toda parte, achou que seria bom formar outros homens que pudessem cultivá-la.

Chamou então Irin-Magé, dando-lhe uma mulher por companheira para que tivesse filhos, esperando que fossem melhores que os primeiros homens.

Um de seus descendentes era uma pessoa de grande poder e se chamava Maíra-Monã. Maíra quer dizer “o que tem poder de transformar as coisas”, e Monã significa velho, o ancião. Maíra-Monã era imortal e tinha muitos poderes como o primeiro Monã.

Depois que Maíra-Monã voltou para sua Terra, surgiu um descendente muito poderoso, que se chamava Sumé.

Ele teve dois filhos, Tamanduaré e Arikuté, que eram muito diferente um do outro e por isso se odiavam mortalmente.

Tamanduaré era cuidadoso com a casa, era um bom pai de família e gostava de cultivar a terra. Já Arikuté não se preocupava com nada, e passava o tempo fazendo guerra e dominando os povos vizinhos.

Certo dia, voltando de uma batalha, Arikuté trouxe para seu irmão o braço de um inimigo, dizendo-lhe com arrogância:

- Veja lá, seu covarde! Um dia terei sua mulher e seus filhos sob meu poder, pois você não presta nem para se defender!

O pacífico Tamanduaré, atingido no seu orgulho, lhe respondeu:

- Já que você é tão valente, em vez de trazer apenas um braço, por que não trouxe o inimigo inteiro?

Arikuté, irritado com aquela resposta, jogou o braço contra a casa de seu irmão e naquele instante, toda a aldeia foi levada para o céu, ficando na Terra apenas os dois irmãos com suas famílias.

Vendo isso, Tamanduaré, por indignação ou por desprezo, começou a golpear a Terra com tanta força que acabou fazendo surgir uma fonte de água, a qual não parava mais de jorrar. Jorrou tão forte e por tanto tempo que chegou até as nuvens, iniciando uma grande inundação.

Para fugir desse novo dilúvio, os dois irmãos, com suas mulheres, refugiaram-se na montanha mais alta da região. Tamanduaré subiu numa palmeira com uma das suas mulheres, e Arikuté subiu no jenipapeiro com sua esposa, permanecendo lá até as águas diminuírem.

Com essa inundação, todos os homens e animais morreram.

Quando as águas abaixaram, os dois casais desceram das árvores e voltaram a povoar a Terra, mas cada família foi viver numa região distante.

Os Tupinambá descendentes de Arikuté são grupos rivais, até hoje, por essa razão. (Mito extraído do livro de Benedito Antônio Genofre Prezias (2001, p. 15-16).

Tradução adaptada pelo autor do mito recolhido por Fr. André Thevet, entre os Tupinambá do Rio de Janeiro, em 1565).

Atividade

a) Em dupla, leia com seu (sua) colega o mito indígena Tupinambá sobre a criação do mundo. Conversem sobre o que vocês entenderam dessa história simbólica e depois respondam no caderno as seguintes questões:

- O que fez Monã após a catástrofe do incêndio para atender ao pedido feito com lágrimas por Irin-Magé? · Quem era Maíra–Monã?
- Como eram os dois filhos de Sumé, chamados de Tamanduaré e Arikuté? ·

O que aconteceu com os dois irmãos durante o novo dilúvio?

b) Pesquise, também, quais os povos indígenas que ainda vivem em nosso Estado e encontre um mito da criação do mundo de um desses povos. Ilustre com desenhos o mito e apresente para os colegas da classe.

c) Vamos conhecer agora um mito de origem do mundo cujo princípio criador é feminino.

O mito é contado pelo índio tchukarramãe Kaká Werá Jecupé. Tchukarramãe é o nome de uma nação indígena e, como afirma Kaká Werá, o nome Tchukarramãe significa, para sua família, “Guerreiro sem armas”. Esse mito tem origem na nação Dessâna, que habita o espaço entre os rios Tiquié e Papuri, no Amazonas. Nele é dito que no começo nada existia, eram apenas as trevas dominando o nada. Assim, como por encanto, a mulher se fez a si mesma e por si mesma. A partir dela todas as coisas que existem foram criadas.

Faça uma pesquisa para encontrar mitos que apresentam divindades femininas.

Vocabulário

Espreitar - espiar.

Gênese - origem da vida e do mundo.

Gênesis - primeiro livro da Bíblia.

Referências

PREZIA, B. A. G. *Indígenas em São Paulo, ontem e hoje*: subsídios didáticos para o ensino fundamental. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 15-16.

SANTUÁRIO DOS ORIXÁS. Disponível em: <santuariodosorixas.blogspot.com.br/p/mitologia-ioruba-origem.html> Acesso: 06 mar. 2013.

ÍNDIOS BRASILEIROS. Disponível em: <http://indios-brasileiros.info/mos/view/Da_criacao_ao_modo_de_vida/>. Acesso 09 jul. 2013.

BÍBLIA Sagrada. Edições Claretiana. 74º edição. 1993.

Bibliografia recomendada

BÍBLIA Sagrada. 74. ed. 1993. Edições Claretiana.

CALVINO, I. *Fábulas italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. p.178-323. (Coleção Religião e Cultura).

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO. Arcanjo Miguel: o ovo cósmico. 12 abr 2009. Disponível em: <<http://stelalecocq.blogspot.com.br/2009/04/arcanjo-miguel-o-ovo-cosmico.html>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLIS, James. *Mitologemas: encarnações do mundo visível*. São Paulo: Vozes, 2005.

INFOESCOLA. Mito ou lenda? Disponível em: <<http://www.infoescola.com/?redacao/mito-ou-lenda>>. Acesso em: 14 jun.2013.

Informativo Assintec. *Mitos de origem*. Curitiba, 2012.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A terra dos mil povos: história indígena contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

SUA PESQUISA.COM. *Lenda do Boto*. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_boto.htm. Acesso em: 15 mai. 2009.

OS TEXTOS SAGRADOS E OS MITOS

Qual a origem do mundo, do homem, das coisas?

Vamos numa aventura desvendar esses mistérios?

Conheça o mito de criação do girassol na cultura grega:

Clície era uma ninfa aquática apaixonada por Apolo (Deus do sol), que não correspondeu ao seu amor. Então ela ficou debilitada e durante nove dias ficou sentada no chão frio, se alimentando de suas próprias lágrimas e do orvalho. Para Clície, apenas o sol, representando sua paixão por Apolo, importava. Ela passou a acompanhar todo o seu percurso, desde o nascer até o crepúsculo. Assim, seus pés se enraizaram no chão e seu rosto tornou-se uma flor que gira sobre sua própria haste, voltada sempre para o sol, recebeu o nome de girassol.



Você percebeu quanto de mistério há no mito de criação do girassol?

Cada povo, em suas diferentes religiões, tem sua própria forma de expressar, registrar, guardar e transmitir o entendimento sobre o sagrado. Esses ensinamentos podem ser por meio de livros, histórias contadas, músicas, danças, poesias, pinturas, desenhos, esculturas ou outras formas. Sendo assim, os textos sagrados podem ser orais, escritos, pictóricos ou outros.

A religião, independente da forma como expressa o sagrado e as práticas que realizam em seus rituais, procura organizar a vida da pessoa religiosa, por isso os grandes acontecimentos religiosos são revividos por meio dos rituais que, tanto nos textos orais como nos escritos, expressam suas crenças e fé. Então, conheceremos alguns desses acontecimentos religiosos, numa aventura através de mitos expressos nos textos sagrados orais e escritos.

O que os mitos têm a ver com os textos escritos?

A expressão oral é uma das primeiras formas do processo de transmissão acerca do sagrado que é passado de geração a geração, ou seja, os mais velhos ensinam os mais novos. Esses ensinamentos estão ligados aos mitos de criação do mundo, do homem, de explicações sobre os acontecimentos da vida, dos fenômenos naturais, da origem divina e da vida em sociedade. Ainda hoje encontramos tradições religiosas que mantêm seus ensinamentos a respeito do sagrado somente pela oralidade, como, por exemplo, nas culturas indígenas, africanas e outras.

Muitas dessas narrativas orais sobre os acontecimentos religiosos, em algumas tradições, foram compilados em textos escritos transformando-se em livros sagrados, tais como a Bíblia, o Alcorão, a Tora, os Vedas etc.

Sendo assim, alguns mitos que antes eram expressos na oralidade foram transformados em textos escritos. Vamos, então, conhecer um pouco de alguns dos primeiros textos sagrados escritos:

Textos hieróglifos

“Cerca de 3.000 anos a.C., os Egípcios desenvolveram uma forma de escrita em pictogramas (várias imagens figurativas que representam coisas), fonogramas (símbolos que representam sons) e outros signos determinantes em escrita ideográfica, sem vogais. Este sistema de escrita recebeu o nome de “hieroglífica” (do grego hieros que significa sagrado, e ghyhhein que significa gravar), que significa “inscrição sagrada”, porque foi criado para servir os rituais religiosos (usado em túmulos e templos), nos monumentos estatais, nas comemorações de acontecimentos militares e políticos. As anotações eram feitas em papiros, pedras, placas de madeira ou barro cozido. Essa escrita era comumente lida da direita para a esquerda, ou de cima para baixo”. (PASSEIWEB).

Ugaritic 1400-1300 B.C.	𐎀 𐎁 𐎂 𐎃 𐎄 𐎅 𐎆 𐎇 𐎈 𐎉 𐎊 𐎋 𐎌 𐎍 𐎎 𐎏 𐎐 𐎑 𐎒 𐎓 𐎔 𐎕 𐎖 𐎗 𐎘 𐎙 𐎚 𐎛 𐎜 𐎝 𐎞 𐎟 𐎠 𐎡 𐎢 𐎣 𐎤 𐎥 𐎦 𐎧 𐎨 𐎩 𐎪 𐎫 𐎬 𐎭 𐎮 𐎯 𐎰 𐎱 𐎲 𐎳 𐎴 𐎵 𐎶 𐎷 𐎸 𐎹 𐎺 𐎻 𐎼 𐎽 𐎾 𐎿 𐏀 𐏁 𐏂 𐏃 𐏄 𐏅 𐏆 𐏇 𐏈 𐏉 𐏊 𐏋 𐏌 𐏍 𐏎 𐏏 𐏐 𐏑 𐏒 𐏓 𐏔 𐏕 𐏖 𐏗 𐏘 𐏙 𐏚 𐏛 𐏜 𐏝 𐏞 𐏟 𐏠 𐏡 𐏢 𐏣 𐏤 𐏥 𐏦 𐏧 𐏨 𐏩 𐏪 𐏫 𐏬 𐏭 𐏮 𐏯 𐏰 𐏱 𐏲 𐏳 𐏴 𐏵 𐏶 𐏷 𐏸 𐏹 𐏺 𐏻 𐏼 𐏽 𐏾 𐏿 𐐀 𐐁 𐐂 𐐃 𐐄 𐐅 𐐆 𐐇 𐐈 𐐉 𐐊 𐐋 𐐌 𐐍 𐐎 𐐏 𐐐 𐐑 𐐒 𐐓 𐐔 𐐕 𐐖 𐐗 𐐘 𐐙 𐐚 𐐛 𐐜 𐐝 𐐞 𐐟 𐐠 𐐡 𐐢 𐐣 𐐤 𐐥 𐐦 𐐧 𐐨 𐐩 𐐪 𐐫 𐐬 𐐭 𐐮 𐐯 𐐰 𐐱 𐐲 𐐳 𐐴 𐐵 𐐶 𐐷 𐐸 𐐹 𐐺 𐐻 𐐼 𐐽 𐐾 𐐿 𐑀 𐑁 𐑂 𐑃 𐑄 𐑅 𐑆 𐑇 𐑈 𐑉 𐑊 𐑋 𐑌 𐑍 𐑎 𐑏 𐑐 𐑑 𐑒 𐑓 𐑔 𐑕 𐑖 𐑗 𐑘 𐑙 𐑚 𐑛 𐑜 𐑝 𐑞 𐑟 𐑠 𐑡 𐑢 𐑣 𐑤 𐑥 𐑦 𐑧 𐑨 𐑩 𐑪 𐑫 𐑬 𐑭 𐑮 𐑯 𐑰 𐑱 𐑲 𐑳 𐑴 𐑵 𐑶 𐑷 𐑸 𐑹 𐑺 𐑻 𐑼 𐑽 𐑾 𐑿 𐒀 𐒁 𐒂 𐒃 𐒄 𐒅 𐒆 𐒇 𐒈 𐒉 𐒊 𐒋 𐒌 𐒍 𐒎 𐒏 𐒐 𐒑 𐒒 𐒓 𐒔 𐒕 𐒖 𐒗 𐒘 𐒙 𐒚 𐒛 𐒜 𐒝 𐒞 𐒟 𐒠 𐒡 𐒢 𐒣 𐒤 𐒥 𐒦 𐒧 𐒨 𐒩 𐒪 𐒫 𐒬 𐒭 𐒮 𐒯 𐒰 𐒱 𐒲 𐒳 𐒴 𐒵 𐒶 𐒷 𐒸 𐒹 𐒺 𐒻 𐒼 𐒽 𐒾 𐒿 𐓀 𐓁 𐓂 𐓃 𐓄 𐓅 𐓆 𐓇 𐓈 𐓉 𐓊 𐓋 𐓌 𐓍 𐓎 𐓏 𐓐 𐓑 𐓒 𐓓 𐓔 𐓕 𐓖 𐓗 𐓘 𐓙 𐓚 𐓛 𐓜 𐓝 𐓞 𐓟 𐓠 𐓡 𐓢 𐓣 𐓤 𐓥 𐓦 𐓧 𐓨 𐓩 𐓪 𐓫 𐓬 𐓭 𐓮 𐓯 𐓰 𐓱 𐓲 𐓳 𐓴 𐓵 𐓶 𐓷 𐓸 𐓹 𐓺 𐓻 𐓼 𐓽 𐓾 𐓿 𐔀 𐔁 𐔂 𐔃 𐔄 𐔅 𐔆 𐔇 𐔈 𐔉 𐔊 𐔋 𐔌 𐔍 𐔎 𐔏 𐔐 𐔑 𐔒 𐔓 𐔔 𐔕 𐔖 𐔗 𐔘 𐔙 𐔚 𐔛 𐔜 𐔝 𐔞 𐔟 𐔠 𐔡 𐔢 𐔣 𐔤 𐔥 𐔦 𐔧 𐔨 𐔩 𐔪 𐔫 𐔬 𐔭 𐔮 𐔯 𐔰 𐔱 𐔲 𐔳 𐔴 𐔵 𐔶 𐔷 𐔸 𐔹 𐔺 𐔻 𐔼 𐔽 𐔾 𐔿 𐕀 𐕁 𐕂 𐕃 𐕄 𐕅 𐕆 𐕇 𐕈 𐕉 𐕊 𐕋 𐕌 𐕍 𐕎 𐕏 𐕐 𐕑 𐕒 𐕓 𐕔 𐕕 𐕖 𐕗 𐕘 𐕙 𐕚 𐕛 𐕜 𐕝 𐕞 𐕟 𐕠 𐕡 𐕢 𐕣 𐕤 𐕥 𐕦 𐕧 𐕨 𐕩 𐕪 𐕫 𐕬 𐕭 𐕮 𐕯 𐕰 𐕱 𐕲 𐕳 𐕴 𐕵 𐕶 𐕷 𐕸 𐕹 𐕺 𐕻 𐕼 𐕽 𐕾 𐕿 𐖀 𐖁 𐖂 𐖃 𐖄 𐖅 𐖆 𐖇 𐖈 𐖉 𐖊 𐖋 𐖌 𐖍 𐖎 𐖏 𐖐 𐖑 𐖒 𐖓 𐖔 𐖕 𐖖 𐖗 𐖘 𐖙 𐖚 𐖛 𐖜 𐖝 𐖞 𐖟 𐖠 𐖡 𐖢 𐖣 𐖤 𐖥 𐖦 𐖧 𐖨 𐖩 𐖪 𐖫 𐖬 𐖭 𐖮 𐖯 𐖰 𐖱 𐖲 𐖳 𐖴 𐖵 𐖶 𐖷 𐖸 𐖹 𐖺 𐖻 𐖼 𐖽 𐖾 𐖿 𐗀 𐗁 𐗂 𐗃 𐗄 𐗅 𐗆 𐗇 𐗈 𐗉 𐗊 𐗋 𐗌 𐗍 𐗎 𐗏 𐗐 𐗑 𐗒 𐗓 𐗔 𐗕 𐗖 𐗗 𐗘 𐗙 𐗚 𐗛 𐗜 𐗝 𐗞 𐗟 𐗠 𐗡 𐗢 𐗣 𐗤 𐗥 𐗦 𐗧 𐗨 𐗩 𐗪 𐗫 𐗬 𐗭 𐗮 𐗯 𐗰 𐗱 𐗲 𐗳 𐗴 𐗵 𐗶 𐗷 𐗸 𐗹 𐗺 𐗻 𐗼 𐗽 𐗾 𐗿 𐘀 𐘁 𐘂 𐘃 𐘄 𐘅 𐘆 𐘇 𐘈 𐘉 𐘊 𐘋 𐘌 𐘍 𐘎 𐘏 𐘐 𐘑 𐘒 𐘓 𐘔 𐘕 𐘖 𐘗 𐘘 𐘙 𐘚 𐘛 𐘜 𐘝 𐘞 𐘟 𐘠 𐘡 𐘢 𐘣 𐘤 𐘥 𐘦 𐘧 𐘨 𐘩 𐘪 𐘫 𐘬 𐘭 𐘮 𐘯 𐘰 𐘱 𐘲 𐘳 𐘴 𐘵 𐘶 𐘷 𐘸 𐘹 𐘺 𐘻 𐘼 𐘽 𐘾 𐘿 𐙀 𐙁 𐙂 𐙃 𐙄 𐙅 𐙆 𐙇 𐙈 𐙉 𐙊 𐙋 𐙌 𐙍 𐙎 𐙏 𐙐 𐙑 𐙒 𐙓 𐙔 𐙕 𐙖 𐙗 𐙘 𐙙 𐙚 𐙛 𐙜 𐙝 𐙞 𐙟 𐙠 𐙡 𐙢 𐙣 𐙤 𐙥 𐙦 𐙧 𐙨 𐙩 𐙪 𐙫 𐙬 𐙭 𐙮 𐙯 𐙰 𐙱 𐙲 𐙳 𐙴 𐙵 𐙶 𐙷 𐙸 𐙹 𐙺 𐙻 𐙼 𐙽 𐙾 𐙿 𐚀 𐚁 𐚂 𐚃 𐚄 𐚅 𐚆 𐚇 𐚈 𐚉 𐚊 𐚋 𐚌 𐚍 𐚎 𐚏 𐚐 𐚑 𐚒 𐚓 𐚔 𐚕 𐚖 𐚗 𐚘 𐚙 𐚚 𐚛 𐚜 𐚝 𐚞 𐚟 𐚠 𐚡 𐚢 𐚣 𐚤 𐚥 𐚦 𐚧 𐚨 𐚩 𐚪 𐚫 𐚬 𐚭 𐚮 𐚯 𐚰 𐚱 𐚲 𐚳 𐚴 𐚵 𐚶 𐚷 𐚸 𐚹 𐚺 𐚻 𐚼 𐚽 𐚾 𐚿 𐛀 𐛁 𐛂 𐛃 𐛄 𐛅 𐛆 𐛇 𐛈 𐛉 𐛊 𐛋 𐛌 𐛍 𐛎 𐛏 𐛐 𐛑 𐛒 𐛓 𐛔 𐛕 𐛖 𐛗 𐛘 𐛙 𐛚 𐛛 𐛜 𐛝 𐛞 𐛟 𐛠 𐛡 𐛢 𐛣 𐛤 𐛥 𐛦 𐛧 𐛨 𐛩 𐛪 𐛫 𐛬 𐛭 𐛮 𐛯 𐛰 𐛱 𐛲 𐛳 𐛴 𐛵 𐛶 𐛷 𐛸 𐛹 𐛺 𐛻 𐛼 𐛽 𐛾 𐛿 𐜀 𐜁 𐜂 𐜃 𐜄 𐜅 𐜆 𐜇 𐜈 𐜉 𐜊 𐜋 𐜌 𐜍 𐜎 𐜏 𐜐 𐜑 𐜒 𐜓 𐜔 𐜕 𐜖 𐜗 𐜘 𐜙 𐜚 𐜛 𐜜 𐜝 𐜞 𐜟 𐜠 𐜡 𐜢 𐜣 𐜤 𐜥 𐜦 𐜧 𐜨 𐜩 𐜪 𐜫 𐜬 𐜭 𐜮 𐜯 𐜰 𐜱 𐜲 𐜳 𐜴 𐜵 𐜶 𐜷 𐜸 𐜹 𐜺 𐜻 𐜼 𐜽 𐜾 𐜿 𐝀 𐝁 𐝂 𐝃 𐝄 𐝅 𐝆 𐝇 𐝈 𐝉 𐝊 𐝋 𐝌 𐝍 𐝎 𐝏 𐝐 𐝑 𐝒 𐝓 𐝔 𐝕 𐝖 𐝗 𐝘 𐝙 𐝚 𐝛 𐝜 𐝝 𐝞 𐝟 𐝠 𐝡 𐝢 𐝣 𐝤 𐝥 𐝦 𐝧 𐝨 𐝩 𐝪 𐝫 𐝬 𐝭 𐝮 𐝯 𐝰 𐝱 𐝲 𐝳 𐝴 𐝵 𐝶 𐝷 𐝸 𐝹 𐝺 𐝻 𐝼 𐝽 𐝾 𐝿 𐞀 𐞁 𐞂 𐞃 𐞄 𐞅 𐞆 𐞇 𐞈 𐞉 𐞊 𐞋 𐞌 𐞍 𐞎 𐞏 𐞐 𐞑 𐞒 𐞓 𐞔 𐞕 𐞖 𐞗 𐞘 𐞙 𐞚 𐞛 𐞜 𐞝 𐞞 𐞟 𐞠 𐞡 𐞢 𐞣 𐞤 𐞥 𐞦 𐞧 𐞨 𐞩 𐞪 𐞫 𐞬 𐞭 𐞮 𐞯 𐞰 𐞱 𐞲 𐞳 𐞴 𐞵 𐞶 𐞷 𐞸 𐞹 𐞺 𐞻 𐞼 𐞽 𐞾 𐞿 𐟀 𐟁 𐟂 𐟃 𐟄 𐟅 𐟆 𐟇 𐟈 𐟉 𐟊 𐟋 𐟌 𐟍 𐟎 𐟏 𐟐 𐟑 𐟒 𐟓 𐟔 𐟕 𐟖 𐟗 𐟘 𐟙 𐟚 𐟛 𐟜 𐟝 𐟞 𐟟 𐟠 𐟡 𐟢 𐟣 𐟤 𐟥 𐟦 𐟧 𐟨 𐟩 𐟪 𐟫 𐟬 𐟭 𐟮 𐟯 𐟰 𐟱 𐟲 𐟳 𐟴 𐟵 𐟶 𐟷 𐟸 𐟹 𐟺 𐟻 𐟼 𐟽 𐟾 𐟿 𐠀 𐠁 𐠂 𐠃 𐠄 𐠅 𐠆 𐠇 𐠈 𐠉 𐠊 𐠋 𐠌 𐠍 𐠎 𐠏 𐠐 𐠑 𐠒 𐠓 𐠔 𐠕 𐠖 𐠗 𐠘 𐠙 𐠚 𐠛 𐠜 𐠝 𐠞 𐠟 𐠠 𐠡 𐠢 𐠣 𐠤 𐠥 𐠦 𐠧 𐠨 𐠩 𐠪 𐠫 𐠬 𐠭 𐠮 𐠯 𐠰 𐠱 𐠲 𐠳 𐠴 𐠵 𐠶 𐠷 𐠸 𐠹 𐠺 𐠻 𐠼 𐠽 𐠾 𐠿 𐡀 𐡁 𐡂 𐡃 𐡄 𐡅 𐡆 𐡇 𐡈 𐡉 𐡊 𐡋 𐡌 𐡍 𐡎 𐡏 𐡐 𐡑 𐡒 𐡓 𐡔 𐡕 𐡖 𐡗 𐡘 𐡙 𐡚 𐡛 𐡜 𐡝 𐡞 𐡟 𐡠 𐡡 𐡢 𐡣 𐡤 𐡥 𐡦 𐡧 𐡨 𐡩 𐡪 𐡫 𐡬 𐡭 𐡮 𐡯 𐡰 𐡱 𐡲 𐡳 𐡴 𐡵 𐡶 𐡷 𐡸 𐡹 𐡺 𐡻 𐡼 𐡽 𐡾 𐡿 𐢀 𐢁 𐢂 𐢃 𐢄 𐢅 𐢆 𐢇 𐢈 𐢉 𐢊 𐢋 𐢌 𐢍 𐢎 𐢏 𐢐 𐢑 𐢒 𐢓 𐢔 𐢕 𐢖 𐢗 𐢘 𐢙 𐢚 𐢛 𐢜 𐢝 𐢞 𐢟 𐢠 𐢡 𐢢 𐢣 𐢤 𐢥 𐢦 𐢧 𐢨 𐢩 𐢪 𐢫 𐢬 𐢭 𐢮 𐢯 𐢰 𐢱 𐢲 𐢳 𐢴 𐢵 𐢶 𐢷 𐢸 𐢹 𐢺 𐢻 𐢼 𐢽 𐢾 𐢿 𐣀 𐣁 𐣂 𐣃 𐣄 𐣅 𐣆 𐣇 𐣈 𐣉 𐣊 𐣋 𐣌 𐣍 𐣎 𐣏 𐣐 𐣑 𐣒 𐣓 𐣔 𐣕 𐣖 𐣗 𐣘 𐣙 𐣚 𐣛 𐣜 𐣝 𐣞 𐣟 𐣠 𐣡 𐣢 𐣣 𐣤 𐣥 𐣦 𐣧 𐣨 𐣩 𐣪 𐣫 𐣬 𐣭 𐣮 𐣯 𐣰 𐣱 𐣲 𐣳 𐣴 𐣵 𐣶 𐣷 𐣸 𐣹 𐣺 𐣻 𐣼 𐣽 𐣾 𐣿 𐤀 𐤁 𐤂 𐤃 𐤄 𐤅 𐤆 𐤇 𐤈 𐤉 𐤊 𐤋 𐤌 𐤍 𐤎 𐤏 𐤐 𐤑 𐤒 𐤓 𐤔 𐤕 𐤖 𐤗 𐤘 𐤙 𐤚 𐤛 𐤜 𐤝 𐤞 𐤟 𐤠 𐤡 𐤢 𐤣 𐤤 𐤥 𐤦 𐤧 𐤨 𐤩 𐤪 𐤫 𐤬 𐤭 𐤮 𐤯 𐤰 𐤱 𐤲 𐤳 𐤴 𐤵 𐤶 𐤷 𐤸 𐤹 𐤺 𐤻 𐤼 𐤽 𐤾 𐤿 𐥀 𐥁 𐥂 𐥃 𐥄 𐥅 𐥆 𐥇 𐥈 𐥉 𐥊 𐥋 𐥌 𐥍 𐥎 𐥏 𐥐 𐥑 𐥒 𐥓 𐥔 𐥕 𐥖 𐥗 𐥘 𐥙 𐥚 𐥛 𐥜 𐥝 𐥞 𐥟 𐥠 𐥡 𐥢 𐥣 𐥤 𐥥 𐥦 𐥧 𐥨 𐥩 𐥪 𐥫 𐥬 𐥭 𐥮 𐥯 𐥰 𐥱 𐥲 𐥳 𐥴 𐥵 𐥶 𐥷 𐥸 𐥹 𐥺 𐥻 𐥼 𐥽 𐥾 𐥿 𐦀 𐦁 𐦂 𐦃 𐦄 𐦅 𐦆 𐦇 𐦈 𐦉 𐦊 𐦋 𐦌 𐦍 𐦎 𐦏 𐦐 𐦑 𐦒 𐦓 𐦔 𐦕 𐦖 𐦗 𐦘 𐦙 𐦚 𐦛 𐦜 𐦝 𐦞 𐦟 𐦠 𐦡 𐦢 𐦣 𐦤 𐦥 𐦦 𐦧 𐦨 𐦩 𐦪 𐦫 𐦬 𐦭 𐦮 𐦯 𐦰 𐦱 𐦲 𐦳 𐦴 𐦵 𐦶 𐦷 𐦸 𐦹 𐦺 𐦻 𐦼 𐦽 𐦾 𐦿 𐧀 𐧁 𐧂 𐧃 𐧄 𐧅 𐧆 𐧇 𐧈 𐧉 𐧊 𐧋 𐧌 𐧍 𐧎 𐧏 𐧐 𐧑 𐧒 𐧓 𐧔 𐧕 𐧖 𐧗 𐧘 𐧙 𐧚 𐧛 𐧜 𐧝 𐧞 𐧟 𐧠 𐧡 𐧢 𐧣 𐧤 𐧥 𐧦 𐧧 𐧨 𐧩 𐧪 𐧫 𐧬 𐧭 𐧮 𐧯 𐧰 𐧱 𐧲 𐧳 𐧴 𐧵 𐧶 𐧷 𐧸 𐧹 𐧺 𐧻 𐧼 𐧽 𐧾 𐧿 𐨀 𐨁 𐨂 𐨃 𐨄 𐨅 𐨆 𐨇 𐨈 𐨉 𐨊 𐨋 𐨌 𐨍 𐨎 𐨏 𐨐 𐨑 𐨒 𐨓 𐨔 𐨕 𐨖 𐨗 𐨘 𐨙 𐨚 𐨛 𐨜 𐨝 𐨞 𐨟 𐨠 𐨡 𐨢 𐨣 𐨤 𐨥 𐨦 𐨧 𐨨 𐨩 𐨪 𐨫 𐨬 𐨭 𐨮 𐨯 𐨰 𐨱 𐨲 𐨳 𐨴 𐨵 𐨶 𐨷 𐨸 𐨹 𐨺 𐨻 𐨼 𐨽 𐨾 𐨿 𐩀 𐩁 𐩂 𐩃 𐩄 𐩅 𐩆 𐩇 𐩈 𐩉 𐩊 𐩋 𐩌 𐩍 𐩎 𐩏 𐩐 𐩑 𐩒 𐩓 𐩔 𐩕 𐩖 𐩗 𐩘 𐩙 𐩚 𐩛 𐩜 𐩝 𐩞 𐩟 𐩠 𐩡 𐩢 𐩣 𐩤 𐩥 𐩦 𐩧 𐩨 𐩩 𐩪 𐩫 𐩬 𐩭 𐩮 𐩯 𐩰 𐩱 𐩲 𐩳 𐩴 𐩵 𐩶 𐩷 𐩸 𐩹 𐩺 𐩻 𐩼 𐩽 𐩾 𐩿 𐪀 𐪁 𐪂 𐪃 𐪄 𐪅 𐪆 𐪇 𐪈 𐪉 𐪊 𐪋 𐪌 𐪍 𐪎 𐪏 𐪐 𐪑 𐪒 𐪓 𐪔 𐪕 𐪖 𐪗 𐪘 𐪙 𐪚 𐪛 𐪜 𐪝 𐪞 𐪟 𐪠 𐪡 𐪢 𐪣 𐪤 𐪥 𐪦 𐪧 𐪨 𐪩 𐪪 𐪫 𐪬 𐪭 𐪮 𐪯 𐪰 𐪱 𐪲 𐪳 𐪴 𐪵 𐪶 𐪷 𐪸 𐪹 𐪺 𐪻 𐪼 𐪽 𐪾 𐪿 𐫀 𐫁 𐫂 𐫃 𐫄 𐫅 𐫆 𐫇 𐫈 𐫉 𐫊 𐫋 𐫌 𐫍 𐫎 𐫏 𐫐 𐫑 𐫒 𐫓 𐫔 𐫕 𐫖 𐫗 𐫘 𐫙 𐫚 𐫛 𐫜 𐫝 𐫞 𐫟 𐫠 𐫡 𐫢 𐫣 𐫤 𐫥 𐫦 𐫧 𐫨 𐫩 𐫪 𐫫 𐫬 𐫭 𐫮 𐫯 𐫰 𐫱 𐫲 𐫳 𐫴 𐫵 𐫶 𐫷 𐫸 𐫹 𐫺 𐫻 𐫼 𐫽 𐫾 𐫿 𐬀 𐬁 𐬂 𐬃 𐬄 𐬅 𐬆 𐬇 𐬈 𐬉 𐬊 𐬋 𐬌 𐬍 𐬎 𐬏 𐬐 𐬑 𐬒 𐬓 𐬔 𐬕 𐬖 𐬗 𐬘 𐬙 𐬚 𐬛 𐬜 𐬝 𐬞 𐬟 𐬠 𐬡 𐬢 𐬣 𐬤 𐬥 𐬦 𐬧 𐬨 𐬩 𐬪 𐬫 𐬬 𐬭 𐬮 𐬯 𐬰 𐬱 𐬲 𐬳 𐬴 𐬵 𐬶 𐬷 𐬸 𐬹 𐬺 𐬻 𐬼 𐬽 𐬾 𐬿 𐭀 𐭁 𐭂 𐭃 𐭄 𐭅 𐭆 𐭇 𐭈 𐭉 𐭊 𐭋 𐭌 𐭍 𐭎 𐭏 𐭐 𐭑 𐭒 𐭓 𐭔 𐭕 𐭖 𐭗 𐭘 𐭙 𐭚 𐭛 𐭜 𐭝 𐭞 𐭟 𐭠 𐭡 𐭢 𐭣 𐭤 𐭥 𐭦 𐭧 𐭨 𐭩 𐭪 𐭫 𐭬 𐭭 𐭮 𐭯 𐭰 𐭱 𐭲 𐭳 𐭴 𐭵 𐭶 𐭷 𐭸 𐭹 𐭺 𐭻 𐭼 𐭽 𐭾 𐭿 𐮀 𐮁 𐮂 𐮃 𐮄 𐮅 𐮆 𐮇 𐮈 𐮉 𐮊 𐮋 𐮌 𐮍 𐮎 𐮏 𐮐 𐮑 𐮒 𐮓 𐮔 𐮕 𐮖 𐮗 𐮘 𐮙 𐮚 𐮛 𐮜 𐮝 𐮞 𐮟 𐮠 𐮡 𐮢 𐮣 𐮤 𐮥 𐮦 𐮧 𐮨 𐮩 𐮪 𐮫 𐮬 𐮭 𐮮 𐮯 𐮰 𐮱 𐮲 𐮳 𐮴 𐮵 𐮶 𐮷 𐮸 𐮹 𐮺 𐮻 𐮼 𐮽 𐮾 𐮿 𐯀 𐯁 𐯂 𐯃 𐯄 𐯅 𐯆 𐯇 𐯈 𐯉 𐯊 𐯋 𐯌 𐯍 𐯎 𐯏 𐯐 𐯑 𐯒 𐯓 𐯔 𐯕 𐯖 𐯗 𐯘 𐯙 𐯚 𐯛 𐯜 𐯝 𐯞 𐯟 𐯠 𐯡 𐯢 𐯣 𐯤 𐯥 𐯦 𐯧 𐯨 𐯩 𐯪 𐯫 𐯬 𐯭 𐯮 𐯯 𐯰 𐯱 𐯲 𐯳 𐯴 𐯵 𐯶 𐯷 𐯸 𐯹 𐯺 𐯻 𐯼 𐯽 𐯾 𐯿 𐰀 𐰁 𐰂 𐰃 𐰄 𐰅 𐰆 𐰇 𐰈 𐰉 𐰊 𐰋 𐰌 𐰍 𐰎 𐰏 𐰐 𐰑 𐰒 𐰓 𐰔 𐰕 𐰖 𐰗 𐰘 𐰙 𐰚 𐰛 𐰜 𐰝 𐰞 𐰟 𐰠 𐰡 𐰢 𐰣 𐰤 𐰥 𐰦 𐰧 𐰨 𐰩 𐰪 𐰫 𐰬 𐰭 𐰮 𐰯 𐰰 𐰱 𐰲 𐰳 𐰴 𐰵 𐰶 𐰷 𐰸 𐰹 𐰺 𐰻 𐰼 𐰽 𐰾 𐰿 𐱀 𐱁 𐱂 𐱃 𐱄 𐱅 𐱆 𐱇 𐱈 𐱉 𐱊 𐱋 𐱌 𐱍 𐱎 𐱏 𐱐 𐱑 𐱒 𐱓 𐱔 𐱕 𐱖 𐱗 𐱘 𐱙 𐱚 𐱛 𐱜 𐱝 𐱞 𐱟 𐱠 𐱡 𐱢 𐱣 𐱤 𐱥 𐱦 𐱧 𐱨 𐱩 𐱪 𐱫 𐱬 𐱭 𐱮 𐱯 𐱰 𐱱 𐱲 𐱳 𐱴 𐱵 𐱶 𐱷 𐱸 𐱹 𐱺 𐱻 𐱼 𐱽 𐱾 𐱿 𐲀 𐲁 𐲂 𐲃 𐲄 𐲅 𐲆 𐲇 𐲈 𐲉 𐲊 𐲋 𐲌 𐲍 𐲎 𐲏 𐲐 𐲑 𐲒 𐲓 𐲔 𐲕 𐲖 𐲗 𐲘 𐲙 𐲚 𐲛 𐲜 𐲝 𐲞 𐲟 𐲠 𐲡 𐲢 𐲣 𐲤 𐲥 𐲦 𐲧 𐲨 𐲩 𐲪 𐲫 𐲬 𐲭 𐲮 𐲯 𐲰 𐲱 𐲲 𐲳 𐲴 𐲵 𐲶 𐲷 𐲸 𐲹 𐲺 𐲻 𐲼 𐲽 𐲾 𐲿 𐳀 𐳁 𐳂 𐳃 𐳄 𐳅 𐳆 𐳇 𐳈 𐳉 𐳊 𐳋 𐳌 𐳍 𐳎 𐳏 𐳐 𐳑 𐳒 𐳓 𐳔 𐳕 𐳖 𐳗 𐳘 𐳙 𐳚 𐳛 𐳜
----------------------------	---

que falavam sobre a vida do faraó, escritos em hieróglifos para ajudar os faraós no sentido de acompanhar a sua caminhada rumo à outra vida e, ainda, para espantar possíveis saqueadores.



O Livro dos Mortos dos egípcios se chamava “livro de sair para a luz”. Escrito em pergaminho, continha orações, palavras mágicas, hinos, magias, etc. Esse livro era colocado no túmulo juntinho com as múmias, assim ajudaria o morto em sua viagem para o outro mundo.

Existe também um Livro dos Mortos dos Tíbetanos, ele se chamava Bardo Thodöl e significava “libertação pela audição no plano pós-morte”. Esse livro não ficava com o morto, como o livro egípcio, ele é recitado para quem está morrendo, e continua sendo recitado mesmo que a pessoa morra, pois os tibetanos acreditam que mesmo depois da morte a pessoa continua mantendo contato e assimilando os ensinamentos que lhe são transmitidos pela leitura do livro.

Assim, esses dois livros dos mortos, o egípcio e o tibetano, apresentam o mesmo objetivo, que é ajudar a fornecer àquele que morreu um conhecimento que possa ajudá-lo em sua transição da vida para a morte, revelando-lhe alguns segredos da sua jornada pelo caminho “do outro lado da vida”.

Código de Hamurabi

Esse foi o primeiro código da Mesopotâmia, registrado, que se tem notícias. O povo da Suméria recebeu este código escrito em pedra de diorito, uma pedra que mede cerca de 2,5m de altura e que hoje está exposto em um museu da França, o famoso Louvre. Ali estão gravadas as leis que regiam a comunidade. Antes de ser gravado na pedra, as leis eram conhecidas apenas pela oralidade, isto é: pela voz falada.

Ensino sufista – Palavra sagrada

Um místico sufi, que permaneceu feliz durante toda sua vida - ninguém jamais o viu infeliz - vivia sempre rindo. Ele era o próprio riso. Todo o seu ser era um perfume de celebração. Na sua velhice, quando estava morrendo - no leito de morte, e ainda assim se alegrando com a morte, rindo hilariantemente - um discípulo perguntou-lhe:

- Você nos confunde. Agora você está morrendo. Por que está rindo? Estamos nos sentindo tão tristes. Muitas vezes quisemos lhe perguntar, durante sua vida, por que você nunca fica triste. Mas, pelo menos agora, confrontando a morte, deveria ficar triste e ainda está rindo! Como está conseguindo isto?

E o velho respondeu:

- É uma chave simples. Uma vez, perguntei a meu mestre. Eu tinha dezessete anos e já era miserável. O mestre era velho, setenta anos e estava sentado sob uma árvore, rindo, absolutamente sem qualquer razão. Não havia mais ninguém lá, nenhum acontecimento, nenhuma piada ou qualquer coisa. E ele estava simplesmente rindo, segurando a barriga. E eu lhe perguntei: “O que há com você? Está louco ou coisa parecida?” Ele respondeu: “Um dia também fui tão triste quanto você é; então ficou claro para mim, que era minha escolha, era a minha vida.” Desde este dia, todas as manhãs quando me levanto, antes de abrir os olhos, pergunto a mim mesmo: “Abdullah”, o que você quer: Miséria? Felicidade? O que vai escolher hoje?” E acontece que eu sempre escolho Felicidade. (SCHLÖGL, 2000).

Decálogo – Os dez mandamentos da Lei de Deus

“A palavra Decálogo significa as “dez palavras”. Essas dez palavras Deus revelara ao seu povo na montanha sagrada: Monte Sinai” (OS DEZ MANDAMENTOS). “O Decálogo é a Lei dos Dez Mandamentos que foi entregue por Deus ao povo de Israel, por meio de Moisés, para constituição da nação judaica. Os judeus deveriam obedecê-lo de geração em geração” (MALTA). No Judaísmo, o Decálogo resume e proclama a Lei de Deus, a qual Deus dirigiu-as a toda assembleia sobre a montanha, do meio do fogo com voz forte, escreveu-as em duas tábuas de pedra e entregou-as. Elas contêm a aliança entre Deus e seu povo.



Como os mitos são narrativas, possuem um simbolismo. Os povos da antiguidade não conseguiam explicar os fenômenos da natureza, através de explicações científicas, então criavam mitos com objetivo de dar sentido às coisas do mundo. Os mitos também serviam como uma forma de repassar conhecimentos e alertar as pessoas sobre perigos ou ainda defeitos e qualidades do ser humano. Deuses, Deusas, heróis e personagens sobrenaturais se misturavam com fatos da realidade para dar sentido às histórias narradas sobre a vida e o mundo.

Sendo assim, as histórias que eram repassadas pela oralidade às gerações precisavam ser compilados em textos escritos. Então, nos textos Sagrados Escritos do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo (Torá, Bíblia, Alcorão) estão as narrativas da criação e outras histórias, orações, hinos e ensinamentos para os seguidores.

ROUPAGEM PARA A HUMANIDADE

Íris
Boff

De Kaká Werá Jecupé, um sobrevivente dos índios Txukarramãe, acolhido pelos Guaranis, ouvi este mito que lhe foi contado por sua avó, quando ainda ela vivia. É mais ou menos assim:

Tendo recém-nascido a Humanidade, um grande conselho de divindades se reúne porque decidem vesti-la e revesti-la do melhor possível. Quatro delas, diante do Conselho, decidem fazer tão importante tarefa. Cada qual no seu tempo, uma a uma vão cuidadosamente tecer a roupagem para a Humanidade.

A primeira dela rasgou a escuridão numa luz forte, vibrante, incandescente que dançou e rodopiou, durante muito, muito tempo no espaço cósmico, até despedaçar sua luz força e beleza na imensidão infinita do Cosmos. Essa divindade foi chamada de FOGO.

A segunda lançou-se sobre o fogo em forma de uma energia fluída, límpida, transparente, fria. Durante milhões e milhões de anos ela foi cobrindo esse Fogo se misturando nele e na sua convivência formou-se uma calda grossa (sopa cósmica como dizem os cientistas) que deu origem as gotas de, chuva, gases etc. Essa divindade foi chamada de ÁGUA.

A energia fluída e macia da água, modelou a força e o calor do fogo e aos poucos eles foram se transformando e se auto-modelando de maneira que uma parte ficou mais firme e sólida e a outra mais fluída

e líquida. Desse longo enamoramento e casamento nasceu a filha que foi chamada de TERRA . Essa foi terceira divindade.

No interior, no coração da Terra cercada pela Água, o Fogo latejava e pulsava, vivo e fulgurante. Todo o espaço da terra e da água encheu-se de Vida. Todas as formas de vida de variada beleza e harmonia pulsavam num só ritmo. Uma pequena camada tênue, gasosa, etérea e invisível pulsava com eles. Era a quarta divindade, o AR.

Assim essas quatro divindades FOGO, ÁGUA, TERRA e AR, deram origem a Humanidade.

O FOGO no nosso interior como na Terra é o espírito ativo de entusiasmo e paixão.

Atividade

- a) O texto se refere aos elementos que compõe a natureza como divindades. Pesquise em um dicionário o significado de divindade.
- b) Quais são esses elementos? Após a classe deve-se dividir em grupos e cada um deve pesquisar o significado de um elemento da natureza nas seguintes matrizes: africana, indígena, ocidental e oriental.

Conhecendo um pouco da cultura brasileira

Em História aprendemos que os colonizadores trouxeram para o Brasil o imaginário cultural popular de Portugal, Espanha e posteriormente África, e com eles vieram os personagens místicos de diversas tradições. Então, o contato entre as etnias branca, negra e indígena deu origem ao imaginário brasileiro: mitos e lendas.

Nas religiões afro-brasileiras e indígenas os mitos sobreviveram por meio do texto oral, pois, na tentativa de explicar o inexplicável, o ser humano criou mitos e suas histórias simbólicas para ser transmitida oralmente. É bom lembrar que os homens e mulheres na religião da cultura afro-brasileira e da indígena buscam manter viva a sua religião através da arte, de seus costumes e de sua forma própria de cultuar o Sagrado. Vamos conhecer um mito da religião afro-brasileira?

Como o Céu se separou da Terra

“O céu (orun) e a Terra (aiye) não eram separados, então os seres humanos e os Orixás podiam transitar tanto pelo céu como pela Terra, sem problema algum. Mas um ser humano tocou o céu com as mãos sujas, provocando a ira de Olodumare, o Deus supremo, que soprou com força, dividindo os espaços com seu hálito (ofurufú), que se transformou em atmosfera, formando o sanmó - o céu conhecido por nós. Depois dessa transgressão é que o céu se separou da Terra, e os seres humanos não podem mais visitar o céu e voltar de lá vivos”. (INEZ, Adaptado).

Atividade

- a) Represente o mito “Como o Céu se separou da Terra”, segundo a religião afro-brasileira, através de um desenho. Em seguida, exponha o texto no mural da sala de aula.
- b) Divida a turma em dois grupos. Um grupo deve pesquisar sobre: os mitos da criação segundo duas ou três tradições religiosas escolhidas pelo grupo; o outro deve pesquisar sobre a teoria da ciência. Com o resultado, produzir painéis com desenhos que representem sua pesquisa e apresente-os em sala de aula.
- c) Percebemos que os mistérios, fantasias e sonhos são também estímulos à atividade artística. Podemos conhecer alguns trechos de mitos, os quais abrem o caminho do ser humano à procura de significados e respostas para o propósito da existência, do universo, da criação, da vida e do destino do ser humano. Agora, que tal você e seu grupo confeccionar papel reciclado? Este representará o nosso papiro. Depois que o nosso “Papiro Egípcio” estiver pronto, reescreva nele um dos mitos que você pesquisou.

Como produzir o papel reciclado

Ingredientes

- Papéis usados, como embrulhos, folhas, revistas, cartões, jornais, etc.
- Jornais (para secar os papéis)
- Água

Materiais

- Recipientes para cada tipo de papel
- Liquidificador/misturador (ou batedeira, ou varinha mágica)
- Bacia funda
- Peneira, que caiba na bacia, com a forma desejada
- Panos velhos

Como fazer o papel reciclado

1. Pique o papel para um recipiente com água suficiente para cobrir o papel (poderá separar o papel em diferentes recipientes consoante o tipo ou cor do papel). Deixe-o repousar por, pelo menos, 1 dia (o papel pode ficar de molho por semanas, desde que em recipientes limpos).

Pode ainda incorporar no papel reciclado que vai fazer: folhas secas, pequenas lascas de madeira, cebola triturada, pedaços de corda, entre outros; é uma forma de fazer bonitos cartões decorativos. Para obter um papel reciclado colorido, deixe também de molho papéis de cores fortes.

2. Coloque água e papel no liquidificador, na proporção de três partes de água para uma de papel. A própria “água do molho” pode ser aproveitada. Bata a mistura até obter a textura desejada (quanto mais bater, mais homogênea ficará a mistura, mas não bata demais porque o papel pode ficar quebradiço).

3. Despeje o papel batido na bacia com até ½ de água. Agite a mistura com a mão para as partículas de papel não se depositarem no fundo.

4. Mergulhe a peneira pela lateral da bacia até ao fundo, subindo-a lentamente, sem incliná-la, apanhando as partículas em suspensão e formando uma camada de papel sobre a peneira. Se desejar papel mais grosso, adicione papel batido à bacia, agite e peneire novamente.

5. Coloque a peneira sobre um jornal, para secar a superfície inferior. Passe a mão sob a peneira inclinada para escorrer água. Troque o jornal até este não ficar mais molhado.

6. Ainda sobre o jornal, cubra a peneira com um pano e aperte para secar a superfície superior da folha. Use vários panos até que não molhem a mão no toque. Observe atentamente se não há bolhas, buracos ou imperfeições no papel. Se houver, despreze essa folha e repita o procedimento das etapas 4 e 5.

7. Vire a peneira sobre o jornal seco e dê várias pancadas no fundo. A folha deve soltar-se. (Se o papel estiver muito úmido, a folha não cai). Nesta fase, poderá adicionar folhas e flores secas, para decorar o papel.

8. Coloque a folha entre jornais secos e deixe-a secar até ao dia seguinte. Poderá prensá-la, com auxílio de livros pesados e grandes, como listas telefônicas. Pronta, esta folha poderá ser escrita, cortada, dobrada, colada, pintada e muito mais.

O processo de reciclagem de papel poderá servir para fazer folhas de papel reciclado, mas também peças modeladas e coloridas por si, usando a sua criatividade, através da técnica do papel machê.

9. As sobras de papel picado ou batido podem ser peneiradas, espremidas e encaminhadas para reciclagem seletiva e a água que sobre na bacia pode ser despejada no vaso ou jardim (REVISTA ARTESANATO).

Você também pode pesquisar no site “Recicloteca” (<http://www.recicloteca.org.br/passos.asp?Ancora=2>) o passo a passo de como produzir o papel reciclado.

Vocabulário

Compilados – reunidos, juntados.

Místicos – sobrenaturais.

Mumificação – técnicas para preservar o corpo dos cadáveres (embalsamento), impedindo sua putrefação (decomposição do corpo).

Ninfa – na mitologia grega romana são divindades dos rios, bosques, florestas e campos.

Referências

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/mitologia/clicie.htm>> Acesso em: 09 jul. 2013.

BOFF, Íris. Roupagem para a humanidade. Curitiba, 2008.

INEZ, MARIA. Como o céu se separou da terra. Disponível em: <http://www.oocities.org/minez_br/lendas.html> Acesso em: 09 jul. 2013.

MALTA, Pr. Ismar Vieira. Decálogo – Os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Disponível em: <http://www.artuniversal.com.br/estudos_biblicos/mensagens_biblicas_tradicionais.html> Acesso em: 09 jul. 2013.

OS DEZ MANDAMENTOS. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2-intr_2052-2082_po.html> Acesso em: 21 set 2007

RECICLOTECA. Passo-a-passo. Papel reciclado artesanal. Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br/passo.asp?Ancora=2>> Acesso em: 02 de jul 2008.

SCHLÖGL, E. Expansão criativa: por uma pedagogia da autodescoberta. Petrópolis: Vozes, 2000.

ABRAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARMISTRONG, K. Breve história do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BÍBLIA Sagrada. 74. ed. Editora Ave-Maria, 1993. (Edição Claretiana).

BOWKER, J. Para entender as religiões. As grandes religiões mundias explicadas por meio de uma combinação perfeita de texto e imagens. São Paulo: Ática, 1997.

CANAL KIDS. História. Você sabia? Um povo muito sabido. Disponível em: <<http://www.canalkids.com.br/cultura/historia/vocesabia/index.htm>> Acesso em: 15 ago. 2007.

CANAL KIDS. Mundo. Pirâmides. Disponível em: <<http://www.canalkids.com.br/viagem/mundo/piramides.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

CROATTO, J. S. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Religião e Cultura). p.178-323.

ELIADE, M. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ENCYCLOPAEDIA Britannica do Brasil. Publicações Ltda, 1997. v. 10.

FULLERTON, M. D. Arte grega. São Paulo: Odysseus, 2002. p. 200.

HELLERN, V.; HENRY, N.; JOSTEIN, G. O Livro das religiões. São Paulo: Companhia da Letras.

HISTÓRIA DA ARTE. Disponível EM: <http://www.historiadaarte.com.br/Historia_da_Arte/Inicial.html> Acesso em: 21 set. 2007.

INFOESCOLA. Código de Hamurabi. Disponível em: <www.infoescola.com/historia/codigo-de-hamurabi/>. Acesso em: 15 maio 2009.

KÜNG, H. Religiões do mundo; em busca dos pontos comuns/tradução Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus Editora, 2004. p. 58-59.

MARTELI, S. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MISTÉRIOS antigos. Mumificação – pesagem das almas. Disponível em:<<http://www.misteriosantigos.com/pagina16.htm>> Acesso em: 18 ago. 2007.

MÚSICA SACRA. Disponível em: <<http://www.meloteca.com/musica-sacra.htm>> Acesso em: 15 maio 2009.

NIRMALATMANANDA, S. Os Vedas. Revista de Ensino Religioso Diálogo. São Paulo, Paulinas, ano IX, n. 35, p. 20-23, ago. 2004.

PEIRANO, M. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 33-41. (Passo a passo; v.24)

REVISTA Artesanato. Disponível em:<<http://www.revistaartesanato.com.br/reciclagem/receita-de-papel-reciclado-passo-a-passo/08#ixzz2NuFfVgLK>> Acesso em: 18/03/2013.

REVISTA de Ensino Religioso Diálogo. Dicas - Mitos e Linguagem Universal. São Paulo: Paulinas, ano XI, n. 43, p. 50-51, ago 2006.

SILVA, Y M. de C. T. Arte e religião. Revista de Ensino Religioso Diálogo, São Paulo, Paulinas, ano IX, n. 33, p. 36-38, fev. 2004.

SUNG, J. M. Ciência, mito e ensino religioso. Revista de Ensino Religioso Diálogo. São Paulo, Paulinas, ano XI, n. 43, p. 8-4, ago. 2006.

OS DIFERENTES TEXTOS SAGRADOS ESCRITOS

Carolina do
Rocio Nizer



O que faz com que um texto se torne Sagrado?

Quando isso acontece?

E de que forma?

Desde o início dos tempos, o homem sempre procurou se comunicar e registrar seu cotidiano utilizando-se, primeiramente, dos desenhos. Com o passar do tempo e o acúmulo de informações, a sociedade passa a utilizar registros.

O conjunto desses escritos é conhecido como texto, que significa tecido ou entrelaçar várias palavras para obter um todo. De uma maneira geral, a expressão texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno.

Embora a palavra texto tenha como referência o “conjunto verbal”, podemos ampliar esse conceito para imagens, charges, transmissões orais, etc., ou seja, o texto é um processo de signos que tendem a transmitir uma ideia ao seu leitor.

Fonte: SEED/DITEC

Vamos conhecer a função do texto sagrado escrito?

Podemos dizer que os textos sagrados escritos têm a função de:

- registrar a tradição religiosa como forma de preservar a experiência religiosa fundante, assim a religião organiza sua estrutura religiosa, seus ritos, símbolos, mensagens, entre outras;
- comunicar a experiência religiosa aos fiéis da religião, a fim de que o “divino” se faça presente para o homem religioso e o grupo encontre orientações e ensinamentos;
- atualizar a experiência original no tempo e espaço, afinal, independente do período, o texto sagrado mantém a mesma estrutura, sendo utilizado para orientar a vida do homem nos cultos e na educação religiosa;
- certificar, por meio de seus escritos, as experiências religiosas do grupo em todos os tempos.

TEXTOS SAGRADOS ESCRITOS

Os textos sagrados escritos, para algumas tradições religiosas, são criados a partir da manifestação e/ou inspiração divina, ou seja, o próprio divino se faz presente de alguma maneira para enviar a mensagem ao homem religioso.

No entanto, é importante lembrar que alguns textos sagrados não nascem necessariamente sagrados, mas se tornam sagrados à medida em que o grupo encontra, nos textos escritos, elementos que os unem em um mesmo ensinamento, apresentam valores comuns e auxiliam o homem religioso a experimentar a manifestação do Sagrado.

Também outra forma de um texto se tornar sagrado é após a morte do líder. Como exemplo: após a morte do Buda, seus ensinamentos foram organizados e transformados em livros pelos seus seguidores.

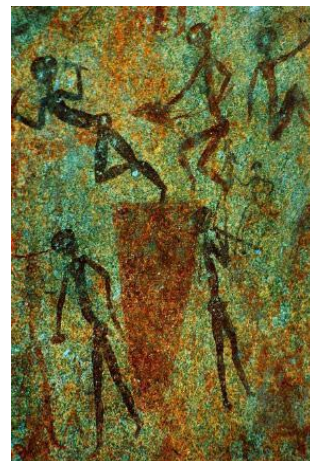
Os conteúdos encontrados nos textos sagrados são variados. É difícil descrever no que consiste cada um de forma geral. Por isso, vamos conhecer alguns textos sagrados e um pouco do seu ensinamento.

Texto Sagrado – Imagens, desenhos, pinturas, entre outros.

No período em que se faziam pinturas rupestres, os homens não possuíam o domínio da escrita e registravam seu cotidiano por meio de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Acredita-se que o homem, ao desenhar nestas paredes, entrava num processo de transe e expressava seu desejo que, geralmente, estava ligado a garantia de uma boa caça.

O homem pintava o animal da maneira como o via (naturalismo). As pinturas retratadas na parede da caverna quase sempre eram de animais como veados, cavalos, mamutes e javalis com ferimentos mortais de lanças que o próprio ser humano atirava.

O fato de retratar lanças atiradas nos desenhos de caça era na crença de que ao fazê-lo facilitaria o domínio sobre a presa. Os desenhos eram feitos em rochedos e paredes de cavernas utilizando recursos da natureza, como, por exemplo, o carvão, a seiva de plantas e de frutas, argila, etc.



Atividade

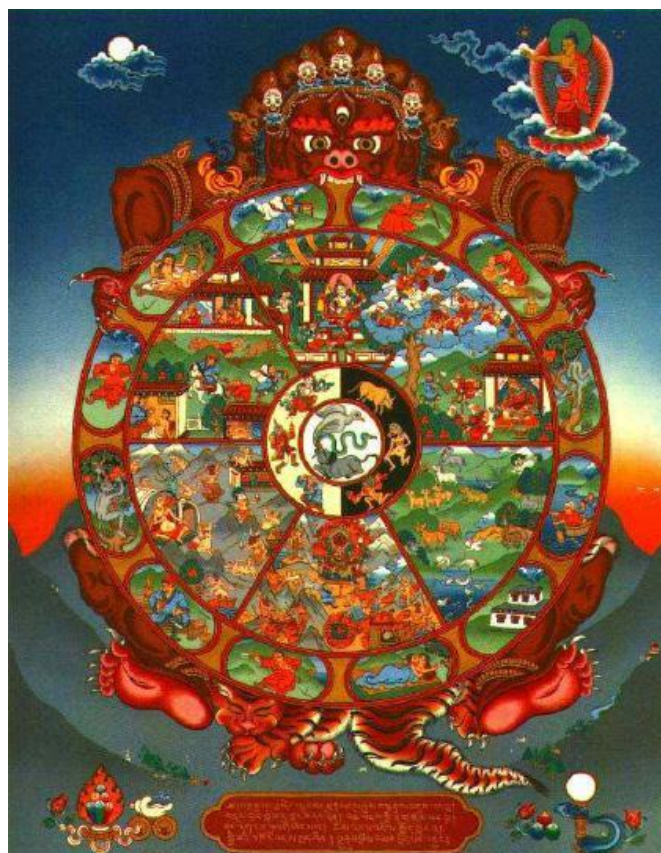
- Quais os materiais e as cores que os homens que habitavam as cavernas provavelmente utilizavam para produzir a imagem acima?
- Desenhe no quadro abaixo uma cena de cunho religioso de seu cotidiano utilizando os recursos da natureza empregados na pintura rupestre. No outro quadro, a mesma cena, com materiais usados hoje. Depois descreva o que você representou nos desenhos.

DESENHO COM MATERIAIS UTILIZADOS NAS PINTURAS RUPESTRES	DESENHO COM MATERIAIS UTILIZADOS ATUALMENTE

Que tipo de texto são as mandalas

As mandalas também são formas de textos pictóricos, pois têm como finalidade passar ensinamentos religiosos. Elas provêm da língua sânscrita e significa círculo sagrado. As mandalas são uma forma de retratar o encontro entre a manifestação do sagrado com o homem. Podemos citar como exemplo, a Roda da Vida, que são as seis esferas em que o ser humano pode renascer, na tradição religiosa budista.

A imagem ao lado mostra no meio Yama, tido como um juiz que julga os mortos, ele segura o círculo dividido em seis partes.



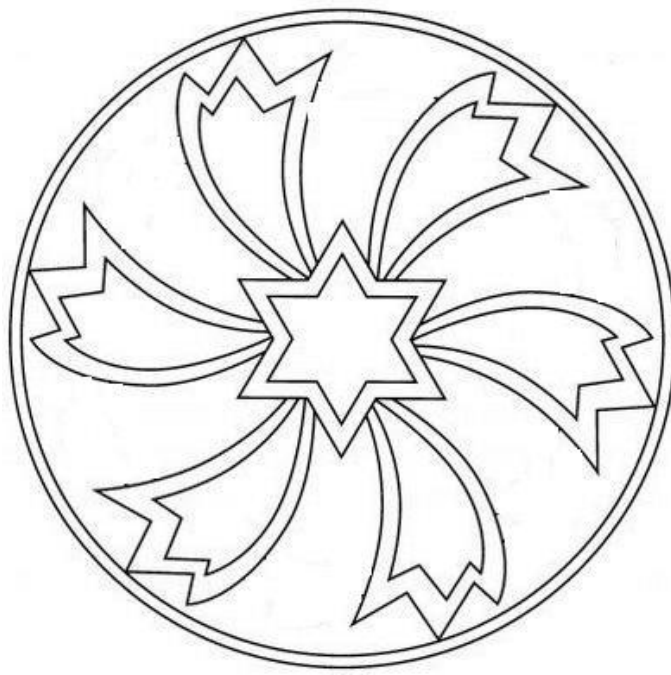
Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_2EhRYM2yw-s/S_crSPuK3el/AAAAAAAAAOA/VxzDfsjTHlw/s1600/religoes_budismo-roda-da-vida.jpg

SAIBA MAIS

“O demônio é Yama, juiz dos mortos, e cada fatia do desenho representa uma esfera da vida. A esfera dos Deuses (que são venturosos, mas perigosamente complacentes), a esfera dos titãs ou semideuses (que são poderosos e ricos, mas dominados pela inveja, pelo ciúme e pela ganância), a esfera dos seres humanos, a esfera dos animais (que são movidos pelos instintos e têm pouca liberdade), a esfera dos espectros famintos (cujos ventres enormes, as bocas e olhos insignificantes sugerem um desejo insaciável) e a esfera dos seres infernais (que são consumidos pelo ódio contínuo). No centro ou eixo do círculo, encontra-se um círculo menor contendo um galo, um porco e uma cobra, perseguindo-se uns aos outros em círculos. Eles simbolizam as forças que mantêm as pessoas na roda samsárica da existência: o galo representa a ganância, o porco a ignorância e a cobra o ódio”. (NOVAK, 1999: p. 110).

Atividade

Na mandala abaixo escreva, na estrela ao centro, seu nome e também em cada uma das esferas, que significa etapas importantes da sua vida. Não se esqueça de colorir.



Fonte: http://lh5.ggpht.com/vanya2007/R4LF05grIUI/AAAAAAAAABpw/8o5tkjz1lQ/s400/normal_colorir_pintar_mandala_17.jpg

Os livros sagrados

Os livros sagrados são textos escritos que em seu significado religioso apresentam a experiência de manifestação do sagrado, como também o momento de registro histórico da religião.

Os livros sagrados adquirem “uma importância histórica insubstituível e tornam-se confirmação da origem sobrenatural da religião, da origem divina da mensagem, e colocam-se também, por consequência, como tutela da ortodoxia”. (TERRIN, 2003, p. 140).

Para as tradições religiosas os livros sagrados devem ser preservados para não comprometer o ensinamento da própria divindade. Por isso, com a intenção de preservar a unicidade, as religiões estabelecem critérios para a interpretação e compreensão dos livros sagrados, que geralmente são:

- O livro sagrado é o centro da tradição religiosa e deve ser respeitado.
- Apresenta a experiência religiosa sagrada.
- A mensagem escrita no livro sagrado é preservada ao longo do tempo. Mesmo o texto sendo escrito em um período que não é o atual, sua experiência religiosa revela significado e orientação para o grupo religioso que a segue.
- A narrativa da escrita é sagrada e não científica. O homem religioso quando abre o livro sagrado encontra uma mensagem de orientação para a sua vida.
- Para a compreensão da mensagem, o leitor deve respeitar normas estabelecidas pela própria manifestação religiosa.
- Os livros sagrados podem apresentar nos seus textos diversas fases, ou seja, textos escritos em tempos diferentes, autorias diversas, linguagens diferentes, etc.
- Distingue o tempo do texto do tempo do leitor e, portanto, a necessidade de instrumentos para compreendê-lo e atualizá-lo.

Vamos conhecer alguns livros sagrados?

Vedas, coletânea de texto – Hinduísmo

Um dos livros sagrados para os hinduístas, que foi compilado por volta de 3.000 a.C., chama-se Vedas. Tratam-se de quatro coleções de hinos, orações e textos ritualísticos, revelados aos antigos sábios. O mais antigo e sagrado é o Rig Vedas.

Vedas significa: “saber e conhecimento”.

É considerada pela história a escritura sagrada mais antiga da humanidade.

Os Vedas podem ser divididos em duas grandes partes. A primeira é o Shruti (ouvidos), onde estão os textos revelados; e o segundo o Shmriti (lembrados), que são os textos que o próprio homem produziu.



Fonte: SEED/DITEC

SAIBA MAIS

Os Vedas tiveram grande importância para o início do hinduísmo, por meio deles foi possível reunir as diversas crenças pré-históricas em um mesmo sistema religioso. Sua essência está no respeito aos ancestrais e a vinculação aos Deuses.

Um dos princípios que aparecem nesses escritos é a tolerância aos outros credos, permitindo uma convivência pacífica com outros seres que nascem em outras religiões.

Atividade

Indra é o mais importante Deus védico. Ele é o rei do céu, respeitado como o Deus da chuva. Deus dos Deuses, Senhor do Firmamento. Pesquise um pouco mais sobre o deus Indra e com os resultados confeccione um cartaz com imagens. Faça com seus colegas uma exposição na escola.

A Torá - Judaísmo

A Torá é livro sagrado para o Judaísmo e pode ser entendido como “lei”, mas originalmente significa “ensinamento” ou “instrução”. Tradicionalmente é escrito em pergaminhos.

SAIBA MAIS

A Torá é composta de cinco livros, que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, conhecidos também como cinco livros de Moisés ou Pentateuco. “Eles incluem os relatos bíblicos da origem do mundo, dos ancestrais de Israel, da escravização dos israelitas no Egito e da sua libertação, do recebimento dos mandamentos de Deus no Monte Sinai e da peregrinação dos israelitas pelo deserto antes de sua entrada na terra prometida”. (COOGAN, 2007, p. 30).

Na Torá é contada a história do povo judeu e nela existem as leis judaicas que fazem parte da aliança de Deus com o povo escolhido, devendo, por isso, ser observadas integralmente. São 613 leis ou obrigações fundamentais descritas para os judeus no livro sagrado. Entre essas leis estão os Dez Mandamentos escritos

em tábuas de pedra, o livro de orações diárias (Siddur), as festividades (Mahzor), os rituais, as regras de higiene e as leis morais.

Durante a celebração, os pergaminhos da Torá são erguidos e os fiéis ficam de pé e exclamam: “Esta é a Lei que Moisés promulgou para os filhos de Israel.” (Deuteronômio 4:44).

Quando a Torá não está em uso, os pergaminhos são enrolados e cobertos. Costuma-se colocar sobre os remates dos pergaminhos coroas, conhecidas como Keter Torah (a Coroa da Lei) que significa a soberania da lei para a vida judaica.



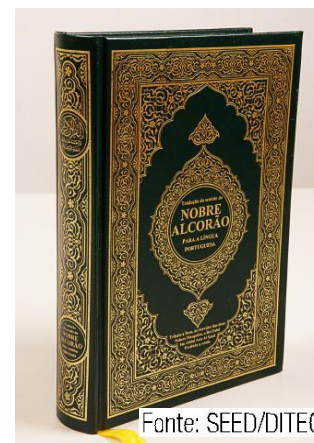
Alcorão - Islamismo

Alcorão é o livro sagrado para o Islamismo. Os seguidores acreditam ser a revelação da fala ou Palavra de Deus.

Para os muçulmanos a mensagem divina foi transmitida para profetas anteriores, como, por exemplo, Moisés e Jesus, mas foi corrompida pelos homens.

Portanto, para os muçulmanos, somente o Alcorão expressa sem falhas a Palavra de Deus.

Alcorão, Corão ou Qur’na, significa “leitura” ou “recitação”, e suas palavras geralmente são cantadas, porque quando Muhammad (Maomé) recebeu os primeiros versos do anjo Gabriel, em 610 d.C., ele pediu que fossem recitados.



Fonte: SEED/DITEC

SAIBA MAIS

Alcorão nos seus primeiros textos fala sobre a unicidade divina, o papel de Deus na história, o papel de Muhammad (Maomé) como Seu profeta, o Juízo Final e a necessidade de ajudar ao próximo. Outras partes trata de assuntos comunitários relacionados à família, casamento, e de interesses legais, éticos e sociais.

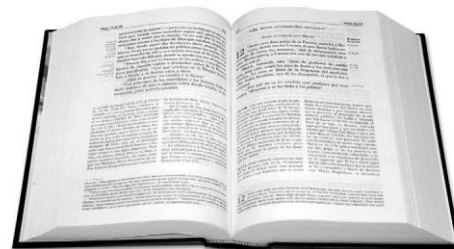
VOCÊ SABIA?

Islamismo é a religião monoteísta revelada por Muhammad (Maomé).
Muçulmano é o indivíduo que adere à religião Islamismo (Islã).

Bíblia – Cristianismo

Bíblia é o texto sagrado para o cristianismo, e significa “livros”.

A Bíblia não é um único livro e sim uma coletânea de 73 livros para os católicos e ortodoxos e 66 livros para os evangélicos ou protestantes. A Bíblia possui um grande valor espiritual e religioso para todo cristão.



Fonte: SEED/DITEC

Ela está dividida em duas grandes partes: Antigo Testamento e Novo Testamento. No Antigo Testamento temos o relato da experiência religiosa do povo israelita e sua origem. No Novo Testamento está descrita a vida e obra de Jesus Cristo e nele também encontramos fatos que originaram a Igreja Cristã.

A Bíblia também fala sobre a vida dos primeiros apóstolos e o movimento de expansão da fé cristã. Existem outros assuntos como: orações, rituais, história, sabedoria e até mesmo poesia consideradas inspiradas por Deus.

SAIBA MAIS

Segundo a fé cristã existe uma diferença entre inspiração e revelação. Para os cristãos a revelação acontece quando Deus manifesta ao homem verdades de fé; a inspiração é Deus movendo no homem a vontade de escrever verdades de fé (dogma).

O livro dos espíritas

Os espíritas não chamam seus livros de sagrado e sim de livros, que servem para o estudo e aperfeiçoamento individual.

Podemos citar cinco obras básicas escritas por Allan Kardec:

- Livro dos Espíritos (1857)
- Livro dos Médiuns (1861)
- Evangelho Segundo o Espiritismo (1864)
- Céu e Inferno (1865).
- A Gênese (1868).

Livro sagrado para os budistas

Sabemos que o Buda não deixou nada escrito, pois seus ensinamentos eram feitos somente pela oralidade, ou seja, de forma falada. Após a sua morte seus seguidores passaram a transcrever suas ideias em textos escritos. Por isso no Budismo encontramos diversos escritos inspirados nos ensinamentos de Buda. Para alguns budistas, um dos livros mais representativo é o chamado “Dhammapada”, pois apresenta os ensinamentos de vida transmitidos por Buda.

Tao Te Ching ou Livro da Lei do Universo e Sua Virtude - Taoísmo

Acredita-se que o primeiro livro elaborado tenha sido escrito por Lao-Tse, conhecido como Tao Te Ching ou Livro da Lei do Universo e Sua Virtude. O livro tem apenas 20 a 25 páginas e está dividido em 81 capítulos que falam sobre a relação do homem com a força da natureza. O significado das palavras Tao é caminho, Te virtude e Ching livro, mas no livro quer dizer fundamentos do mundo.

O Livro de Mórmon – Religião de Mórmons

O Livro de Mórmon foi escrito na América do Norte, em 1823, por Joseph Smith, que recebeu a missão do anjo Morôni de traduzir um livro que se achava escondido, escrito em placas de ouro.

Joseph Smith levou praticamente 10 anos para decifrar e traduzir esses manuscritos que hoje é conhecido como O Livro de Mórmon - escritura seguida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.



Fonte: SEED/DITEC

Os seguidores são conhecidos como mórmons e acreditam que sua bíblia seja o livro seguinte após o Novo Testamento. A devoção ao livro é garantia da salvação no Juízo Final.

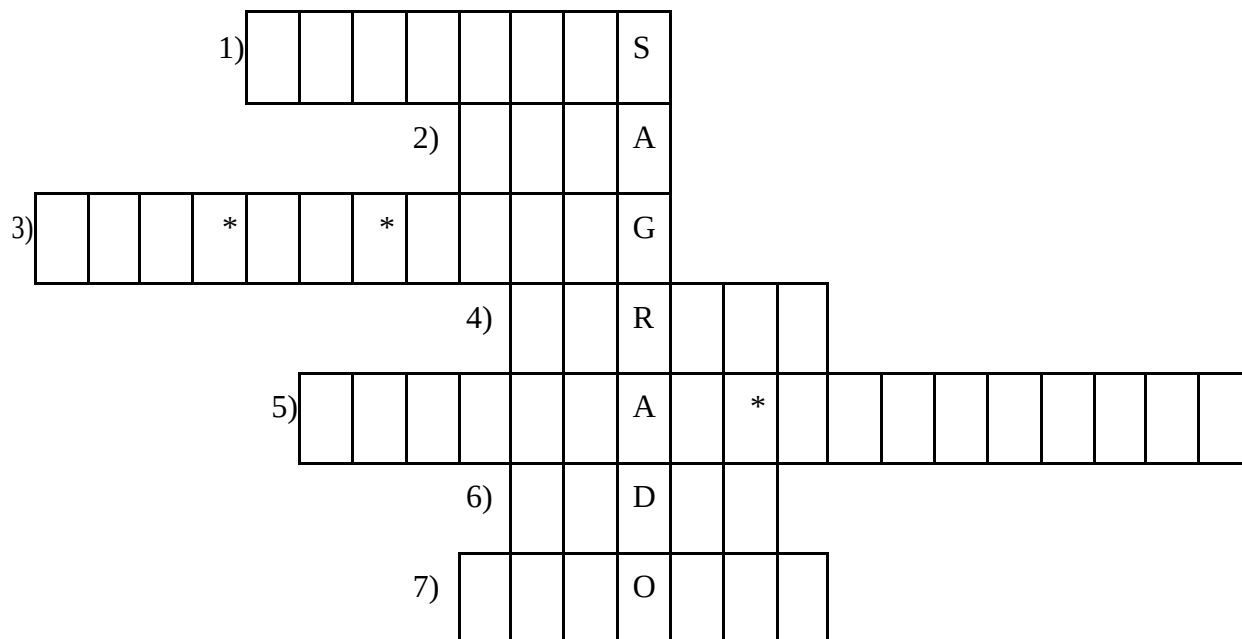


A cidade-sede da religião é em Utah. A base de treinamento dos missionários é nessa cidade e são os responsáveis em levar a palavra do livro ao mundo inteiro.

Atividade

Preencha as lacunas e depois complete a palavra cruzada:

1. Provêm da língua sânscrita e significa um círculo. _____
2. Livro sagrado para o Judaísmo. _____
3. Fala sobre as relações do homem com a força da natureza. _____
4. Seguido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é o Livro de _____.
5. As _____ eram feitas no período em que os homens não possuíam o domínio da escrita e registravam seu cotidiano por meio de desenhos feitos nas paredes das cavernas.
6. Considerada a Escritura Sagrada mais antiga. _____
7. Livro Sagrado do Islamismo. _____



Atividade

Complete com o nome do livro sagrado e da tradição religiosa a qual pertence:

- a) Está dividido em Antigo e Novo Testamento. _____.
- b) Significa recitação ou leitura. _____.
- c) Tradicionalmente escrito em pergaminho e mantido na sinagoga. _____.

Leitura dos livros sagrados

Podemos dizer que existem duas maneiras de leitura interpretativa dos livros sagrados, que são: a partir de sua literalidade ou a partir de estudos.

A leitura a partir da literalidade é entender que os textos sagrados não possuem nenhum tipo de erro, pois são escrituras inspiradas pelo divino. “Em outras palavras, há um sentido objetivo imposto pelo texto, que não demanda esforços particulares de interpretação, por ser, cada um dos textos, visto como revelação direta de Deus (Alá, Yahweh), seu sentido único diretamente acessível”

(VASCONCELLOS, 2008, p. 43).

Essa ideia de verdade absoluta dos livros sagrados pode levar ao fundamentalismo. Podemos definir um grupo como fundamentalista quando:

A - o conteúdo do texto é visto numa totalidade de sentido supostamente objetiva;

B - ele considera o texto como anistórico, isto é, como independente da conjuntura específica onde surgiu, e como portador de uma mensagem que não pode ser adaptada aos novos tempos;

C - ele julga possível deduzir do texto um modelo de sociedade perfeita que precisa ser concretizado.

(VASCONCELLOS, 2008, p. 44).

A leitura a partir de estudos é a busca do significado: o estudo da história do nascimento dos textos, o estudo da composição dos próprios textos de sua sociedade e da sua cultura, o estudo da língua em que os textos foram escritos, os estudos do gênero literário do texto que podem aparecer como uma linguagem mitológica, uma saga, uma crônica, uma doutrina, um poema, etc.

Atividade

- a) Escolha um livro sagrado de umas das tradições religiosas apresentadas e procure nele um poema para transcrevê-lo em seu caderno. Identifique de qual tradição você buscou.
- b) Trace uma linha do tempo e pesquise a época em que foram escritos alguns dos livros sagrados que você aprendeu (pesquise pelo menos três). Faça a distinção do tempo colorindo a linha com cores diferentes.

Vocabulário

Fundamentalismo - está associado à adesão de uma verdade.

Língua sânscrita – alfabeto; significa a escrita das "cidades dos semideuses", muito utilizado na Índia.

Ortodoxia - conformidade ou obediência de um ensinamento religioso.

Pergaminho - pele de carneiro, cabra, ovelha ou cordeiro preparada com alúmen para nela se escrever, forrar livros, etc.

Unicidade - único.

Referências

BÍBLIA Sagrada. 43. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

COOGAN, M. D. Religiões. São Paulo: Publifolha, 2007.

NOVAK, P. A sabedoria do mundo. Rio de Janeiro: Record: Novar Era, 1999.

TERRIN, A. N. Introdução ao estudo comparado das religiões. São Paulo: Paulinas, 2003.

VASCONCELLOS, P. L. Fundamentalismo: matrizes, presenças e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 15-47.

A HISTÓRIA, as religiões e a tradição esotérica. Zoroastro – Masdeísmo. Disponível em: <<http://ahistoriaasreligioseatradoesotrica.blogspot.com/2007/11/10-zoroastro-masdesmo.html>> Acesso em: 06 ago 2008.

DIGO, M. Mandala: um estudo na obra C. G. Jung. Último Andar, São Paulo, (15), p. 109-120, dez. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ultimoandar/download/UA_15_artigo_mandala.pdf> Acesso em: 20 mar 2009.

BÍBLIA Católica. Conhecendo a Bíblia Sagrada. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/historia_biblia/36.php>. Acesso em: 06 ago. 2008.

DISCOVERY Brasil. Disponível em: <http://www.discoverybrasil.com/egito/morte_egipcia/livro_mortos/index.shtml> Acesso em: 21 jul 2008.

BOWKER, J. Para entender as religiões. São Paulo: Ática, 1997.

ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. O que é ciência da religião? São Paulo: Paulinas, 2005. p. 47-57.

GROMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2006. p. 40-42.

GUIMARÃES, E. A articulação do texto. São Paulo: Ática. 1985. (Série Princípios)

ILÚMINA – A Bíblia do século XXI (SBB). Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/287.htm>> Acesso em: 06 ago. 2008.

INFANTE, U. Do texto ao texto. Curso prático de leitura e redação. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

LURDES Dantas, Palavras imortais... Aconchego. A palavra na tradição africana. Disponível em: <<http://www.lurdes.prosaeverso.net/visualizar.php?id=1058891>>. Acesso em: 20 mar 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná. Ensino Religioso. Curitiba: Seed/DEB, 2008.

O Livro dos Mórmos. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/livromor.htm>> Acesso em: 21 jul. 2008.

PIGNATARI, D. Informação, linguagem, comunicação. Ateliê Editorial

PROENÇA, G. História da arte. São Paulo: Ática, 2004. p. 12.

SOUZA, C. E. de, *et al.* Filosofia da religião – a reflexão sobre Deus. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ritkdUjrz0J:www.valedoparaiba.com/salaestudos/estudos/FILOSOFIA%2520DA%2520RELIGIAOtrabalhos.doc+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

SUA PESQUISA.COM. Pré-história. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/prehistoria/>> Acesso em: 20 mar 2009.

SUPERINTERESSANTE, ed 170, nov. 2001.

SUPERINTERESSANTE, ed 254-A, jul. 2008.

STRICKLAND, C. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 4.

UNTERMAN, A. Dicionário judaico de lendas e tradições. Rio de Janeiro. 1992. p. 264-266.

VASCONCELLOS, P. L. Textos sagrados. Revista Diálogo, São Paulo, n 39, p. 28-31, ago. 2005.

ZILLES, U. Religião: crenças e crendices. Porto Alegre: EDUPURS, 1997. p. 15-80.

SÍMBOLOS RELIGIOSOS

Os símbolos são linguagens que expressam sentidos, comunicam e exercem papel relevante para a vida imaginativa e para a constituição das diferentes religiões no mundo. Neste contexto, o símbolo é definido como qualquer coisa que veicule uma concepção: pode ser uma palavra, um som, um gesto, um ritual, um sonho, uma obra de arte, uma notação matemática, cores, textos e outros.

Tendo em vista o conteúdo Símbolos Religiosos, este capítulo está dividido em:

1. Os símbolos comunicam
2. O fogo como símbolo sagrado
3. A água como símbolo sagrado

Os objetivos propostos no desenvolvimento destas unidades são:

- perceber a riqueza de sentidos dos símbolos diferenciando-os dos sinais.
- identificar os símbolos de diversas tradições religiosas do mundo, compreendendo alguns dos seus significados;
- identificar o papel do símbolo na estruturação e manutenção das religiões.

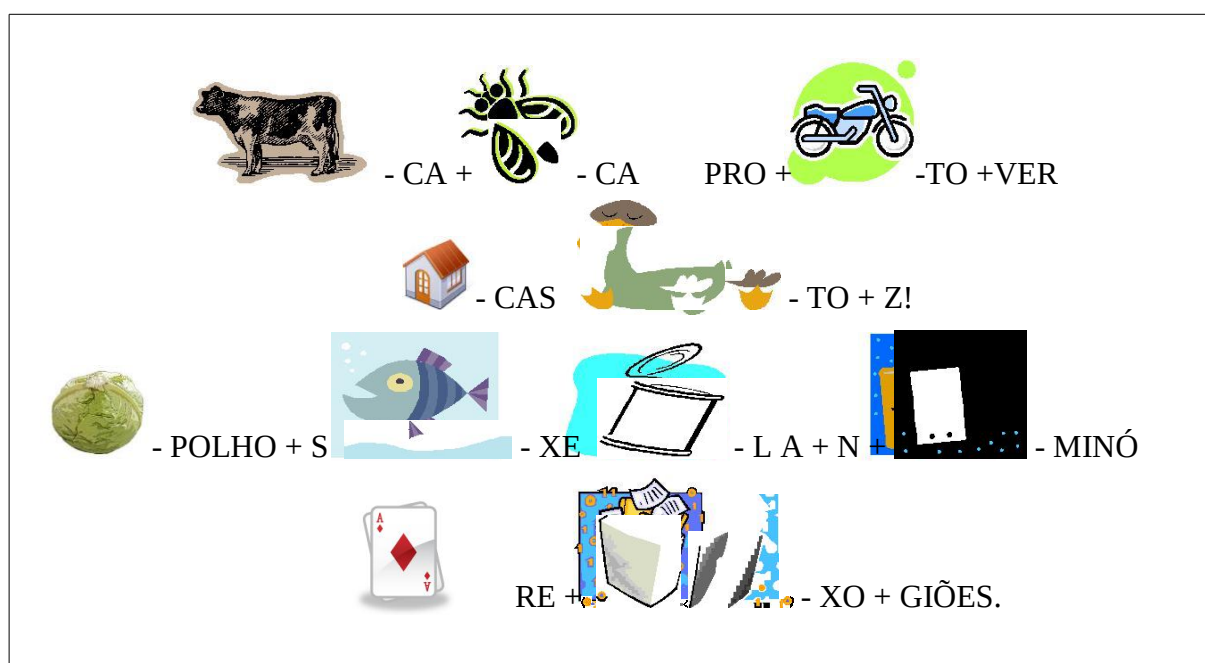
OS SÍMBOLOS COMUNICAM

Enaide Severo de Araújo

*Utilizamos em nosso dia a dia sinais, gestos e símbolos sem perceber.
Como seria o mundo se não houvesse a linguagem simbólica?
Você consegue conversar com alguém pessoalmente sem fazer uso de gestos ou palavras?*

É divertido realizar comunicação usando símbolos! Decifre a carta enigmática a seguir. Escreva a mensagem no seu caderno.

CARTA ENIGMÁTICA: É uma “carta-jogo”, ou seja, uma carta com ilustrações no meio do texto verbal para que a leitura vire um suspense.



Só foi possível compreender a mensagem da carta enigmática porque você conhecia o significado das figuras. As figuras funcionam como um código de linguagem, onde quem escreve e quem lê reconhece os significados.

Compreendemos, então, que a linguagem é feita de símbolos. A linguagem humana se aprimorou quando os primeiros homens e mulheres começaram a repetir sons da natureza (ruídos de animais, barulho de cachoeiras, ruído dos ventos, trovões etc.). Assim a música também começou. Pelas necessidades do corpo como a fome, a sede, o medo, a dor, o prazer etc., as pessoas se colocaram a produzir mensagens indicando o que sentiam, mensagens por sons, por gestos, por posturas, expressões do rosto, etc.

Como sempre convivemos em grupos, a comunicação é necessária, até mesmo como um modo de garantir a sobrevivência.

Você já reparou como a linguagem não é uma exclusividade humana?

Os animais se comunicam por seus gestos corporais, modo de respirar, sons. Os insetos, plantas e animais são hábeis na comunicação por cores. O vermelho de um inseto pode servir como sinal de “Afastese, sou perigoso!” ou “Não me coma: sou venenoso!”

É impressionante observar como a vida se comunica pelos sons, cores, formas, tamanhos etc. Do mesmo modo as religiões comunicam suas mensagens desde a construção das formas e cores do templo, até os gestos utilizados nos rituais. Tudo é comunicação! É preciso ser um bom leitor e uma boa leitora do mundo para compreender a diversidade.

Atividade

- Entreviste pessoas e pergunte quais são os símbolos religiosos que eles conhecem.
- Compartilhe a sua conclusão com os seus colegas de classe.

Os símbolos

Ao longo da vida as pessoas adquirem hábitos, comportamentos e objetos e vão atribuindo a eles significados especiais, o que os transforma em símbolos. As músicas que marcaram épocas, o início de namoro ou o uso de medalhas, santinhos, colares, escapulários ou fitas para se protegerem, são exemplos da utilização dos símbolos no cotidiano do ser humano.

Os símbolos também aparecem nas casas ou outro ambiente, com a presença de elementos da natureza (fontes de água, por exemplo) atraem boas energias, garantem harmonia e equilíbrio que influenciam positivamente o comportamento.



O escapulário ou o bentinho: consiste em duas imagens sagradas. Essas imagens são unidas por fita ou barbante e colocadas no pescoço, uma imagem fica sobre o peito e a outra nas costas.

O símbolo pode relacionar-se a acontecimentos marcantes. Para as pessoas religiosas os símbolos de sua religião se vinculam aquilo que é sagrado.

Preste atenção a esta ideia: Segundo a filósofa brasileira Marilena Chauí (2006), no mundo há muito para ser decifrado, ele é cheio de comunicados, tudo pode significar algo além de sua aparência, como certas posições, roupas, palavras etc.

Vamos entender melhor!

Cores, palavras, cantos, poesias, monumentos, vestes, mobílias, construções, elementos da natureza, pinturas na pele e outros elementos fazem parte do universo simbólico religioso. Há uma grande diversidade de manifestações religiosas, todas elas com seu próprio universo de símbolos.

As cores apresentam diversos significados simbólicos, variando de acordo com cada cultura e olhar que o ser humano atribui a ela.

Para exemplificar:

A utilização da cor preta para os ocidentais é associada à morte e ao luto, já os orientais associam a morte a cor branca. O azul escuro pode significar para o ser humano o mistério e a profundidade da alma. O vermelho pode simbolizar para o homem a vida, o nascimento, a morte, a paixão e o amor.

As vestes utilizadas pelos líderes religiosos também possuem um sentido simbólico.

A batina é uma vestimenta utilizada por diáconos, presbíteros, bispos e seminaristas. Ela possui 33 botões para representar a idade de Cristo, e nos punhos mais cinco botões para representar as Chagas de Cristo. A cor mais usada por seminaristas, diáconos e presbíteros é o preto, com colarinho branco.

Normalmente, nos rituais da Umbanda, é utilizada as vestes brancas, significando pureza e tranquilidade. Durante os trabalhos nunca usam as mesmas roupas que vestem em casa.

As roupas devem estar limpas, por isso eles só as vestem um pouco antes de iniciar os rituais. Além da diversidade de cores e de vestimentas que compõem o universo religioso, encontramos

nas religiões imagens e objetos que são considerados símbolos sagrados.

Vamos refletir sobre isso agora?



Fonte: ASSINTEC



Fonte: SEED/DITEC

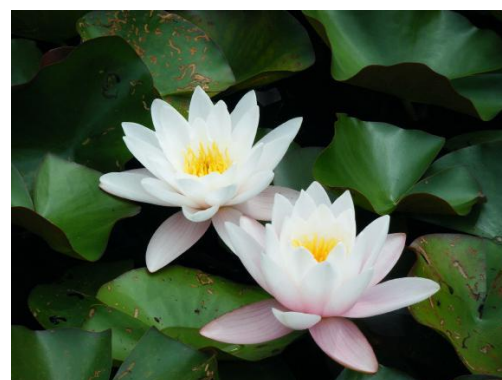
Kipá: uma espécie de pequeno chapéu que os judeus costumam usar para cobrir a cabeça. Ele é símbolo de submissão a vontade de Deus, e coloca o homem em posição de humilde servidor de sua vontade.

Lótus: em diversas tradições religiosas orientais simboliza o princípio da reencarnação (ALVES, 2009). É uma planta que na Índia, na Ásia Oriental e no Egito tem um papel simbólico relevante. Suas pétalas fecham à noite, recolhendo-se e desabrocham ao nascer do sol. A flor de lótus é um antigo símbolo da luz, ela nasce em águas lamacentas e se abre para a luz na superfície das águas onde desabrocha, por isso é um símbolo do desabrochar espiritual.

No Egito simbolizava o mundo de fertilidade que nasce da umidade, era ligada também ao Rio Nilo, o rio sagrado e nutriente. O perfume do Lótus azul era considerado rejuvenescedor. Muito utilizado nas cerimônias de enterro e ornamentação de templos.

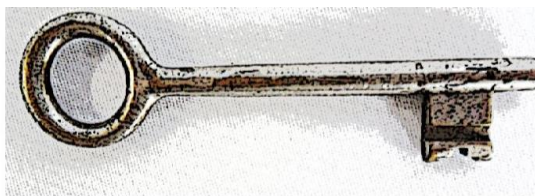
Também o Budismo e o Hinduísmo possuem um rico simbolismo relacionado ao Lótus. O botão da flor de Lótus na superfície das águas primordiais simboliza a totalidade de todas as possibilidades ainda não manifestadas antes da criação do mundo é também símbolo do coração do homem.

Anel: devido a sua forma sem começo nem fim, é o símbolo da eternidade, da união, da fidelidade, da integração em uma comunidade. Por isso aparece também como condecoração, distinção e honraria (aliança dos noivos e casados, dos médicos, dos formandos em geral e outros).



Fonte: SEED/DITEC

Chave: o simbolismo da chave está no fato de servir tanto para abrir como para fechar. Na Umbanda significa a abertura dos caminhos para a felicidade. No Budismo simboliza a felicidade, pois é utilizada para abrir o celeiro de arroz no Japão (no sentido espiritual simboliza os tesouros escondidos). Para o catolicismo refere-se ao poder concedido a apóstolo Pedro de ligar e desligar as pessoas ao reino dos céus.



Tambor: algumas comunidades africanas consideram o tambor tão ancestral como o próprio homem. Os primeiros tambores foram confeccionados na pré-história e também foram utilizados para cultuar Deuses.

Você sabia que muitos animais também são considerados sagrados ou especiais em diferentes tradições religiosas?

Vaca: é sagrada para o Hinduísmo, assim como toda a natureza. Ela simboliza a mãe da humanidade, pois com seu leite alimenta pessoas do mundo todo, que além de beber o leite consomem o queijo, a manteiga e outros derivados de leite.

Pomba: na Bíblia, Noé solta três pombas após o Dilúvio e uma delas volta com um ramo de oliveira no bico. A pomba branca simboliza a simplicidade, pureza, e, para o cristianismo, o Espírito Santo. No entanto, pode ser um símbolo do batismo do cristão, dos mártires ou da alma no estado de paz celestial. Um casal de pombas brancas é um símbolo popular do amor.

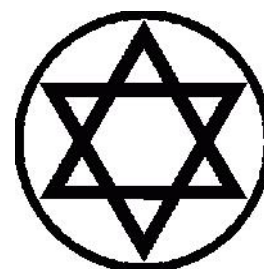
Atividade

Pesquise outros animais que são considerados símbolos religiosos. Escreva no seu caderno a qual religião pertencem e sua importância para a religião.

Sugestão: Observe a presença de animais em emblemas religiosos, pinturas, esculturas e sua aparição em textos sagrados.

Os símbolos relacionados a seguir identificam algumas religiões

A estrela de Davi, de seis pontas, ou selo de Salomão, é um dos símbolos do Judaísmo que representava a forma do acampamento usado como estratégia militar para proteger o tabernáculo durante a peregrinação do povo hebreu pelo deserto conduzido por Moisés. O tabernáculo do povo hebreu na passagem pelo deserto era montado no centro do acampamento. Ali ficava a arca da aliança, que simbolizava a presença de Deus. Em cada ponta ficava uma ou mais tribos com o propósito de proteger o tabernáculo de invasores.

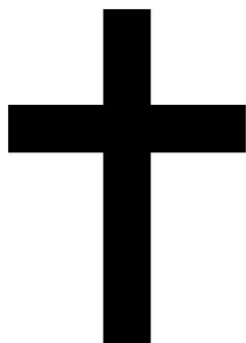


Taji, também conhecido como Yin-Yang, é um símbolo importante para o Taoísmo, religião de origem chinesa. Yin e Yang representam as próprias polaridades da vida, tais como: alto e baixo; feminino e masculino; dia e noite; frio e calor; e assim por diante. Com este símbolo eles mostram que toda a vida no universo se constitui a partir da combinação destas duas forças.



Fonte: SEED/DITEC

Você sabia que há uma grande diversidade de tipos de cruz? Conheça algumas!



Fonte: SEED/DITEC

A cruz é um dos principais símbolos do Cristianismo. A cruz vazia representa a vitória e a ressurreição de Cristo, simboliza que Ele está vivo. Os cristãos creem que Jesus Cristo deu a sua vida por amor a todas as pessoas. O cristianismo tem como principal ensinamento o mandamento do amor: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Para algumas comunidades africanas a cruz pode significar encruzilhada, lugar onde os caminhos dos vivos (homens) e dos mortos, dos espíritos e dos Deuses se cruzam. A cruz também simboliza a união entre as energias do céu e da terra. É um símbolo do equilíbrio entre as quatro direções.

Cruz Suástica: Geralmente quando vemos uma suástica lembramos do nazismo, mas ela em sua origem não tem nada a ver com ele. Saiba que, na verdade, a suástica é um símbolo conhecido há mais de cinco mil anos. Este símbolo fazia e faz parte das cerimônias religiosas antigas no oriente, representando a paz, o amor e a fortuna.



Fonte: SEED/DITEC

Atividade

Agora faça uma pesquisa e desenhe em seu caderno os símbolos que identificam as seguintes religiões:

- Islamismo
- Candomblé
- Religiões Nativas (indígenas)

Referências

- ALVES, L. A. S.; ALVES, M. H. L. Aspectos da diversidade religiosa. In: JUNQUEIRA, S. O sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso. Curitiba: IBPEX, 2009.
- CHAUI, M. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- BACH, M. As grandes religiões do mundo. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2002.
- BAYLEY, H. A linguagem perdida do simbolismo. Editora Cultrix: São Paulo, 2005.
- BLOG do Mário. A exclusivista religião nazista. Disponível em: <<http://www.blogdomario.com/2010/04/religiao-nazista.html>> Acesso em: 25 set. 2008.
- BUYST, I. Celebrar com símbolos. São Paulo: Editora Paulinas, 2001.
- BUENO, L. R. M. R. (Org.). Cartilha diversidade religiosa humanos e direitos. Curitiba: URI, 2005.
- CARR-GOOM, S. Dicionário de símbolos na arte. Bauru: Edusc, 2004.
- COOGAN, D. M. (Org.). Religiões - História, tradições e fundamentos das principais crenças religiosas. São Paulo: Editora PubliFolha, 2007.
- GOMBRICH, E. G. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- LEXIKON, H. Dicionário de símbolos. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná. Ensino Religioso. Curitiba: Seed-PR, 2008.
- WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Lisboa: Moraes, 1979.

O FOGO COMO SÍMBOLO SAGRADO

Carolina do Rocio Nizer

Eliane Bernardi Benatto



Fonte: SEED/DITEC

Os primeiros humanos já cultuavam e temiam o poder do fogo

No Paleolítico, ou Idade da Pedra Lascada, os grupos humanos eram nômades e ainda não haviam desenvolvido a agricultura, alimentavam-se somente da caça, da pesca e da coleta de frutos.

Com o passar do tempo, o planeta Terra sofreu diversas transformações climáticas, alterando o modo de vida dos grupos humanos, que passaram a utilizar a caverna para se proteger do frio, da chuva e dos animais.

Acredita-se que o fogo tenha sido controlado há 500 mil anos na África Oriental. Com o domínio do fogo, os primeiros humanos tornaram-se mais independentes da natureza, pois com ele passaram a aquecer suas cavernas e a cozinhar seus alimentos, tornando a carne da caça mais fácil de mastigar. Além disso, o fogo ajudava os grupos a se livrarem dos animais selvagens e a escuridão não era mais um obstáculo.

VOCÊ SABIA?

A produção do fogo provavelmente tenha sido realizada pelo atrito de duas pedras ou graveto sobre um pedaço de madeira seca, o que provocava fagulhas.

Desafio de dominar o fogo

Existem vários mitos sobre a origem do fogo. Em relatos na história da civilização, é dito que o fogo era um patrimônio dos Deuses e era mantido longe da humanidade. Mas no decorrer do tempo o homem desafiou a ordem divina através do roubo e da apropriação do fogo.

A seguir, conheça outros textos que relatam o mito do roubo do fogo.

Texto 1

Fogo, o presente divino

O ser humano não conhecia o fogo e vivia em diversos lugares da natureza. Continuariam assim se não fosse o titã Prometeu, que amava muito os homens. Sua dedicação e seu objetivo sagrado era ficar próximo aos mortais e ajudá-los a ter uma vida melhor.

Prometeu sabia que seu amor pela humanidade traria algumas consequências graves, mas nunca deixou se intimidar, porque, como sempre falava: “Sem sacrifício, não se consegue nada nobre ou belo”.

Sua primeira ação para a humanidade foi doar o fogo. Ele o pegou da forja de Hefesto e, segurando-o no alto, numa tocha acesa que bania a escuridão, levou-o correndo para seus amigos mortais.

Os mortais, ao receberem exclamaram: “Uma dádiva dos Deuses”! Assim acenderam fogueiras permanentes em vários lugares para ter luz e calor, cozer o alimento e oferecer sacrifícios aos Deuses.

Prometeu não fez só isso, ensinou também, o homem a trabalhar com o fogo e logo eles construíram seus primeiros fornos e começaram a fundir minério.

(STEPHANIDES, 2001, p. 16-17. Texto adaptado)

Texto 2

A origem do fogo segundo os mbyá-guarani

No princípio, quem possuía o domínio do fogo eram os abutres, não se sabe como haviam conseguido, somente que o fogo não estava destinado a ser deste mundo.

Os abutres sempre desciam para dançar e se transformavam em Tups. Quando chegaram na casa de danças, encontraram o dono morto. Com a intenção de assá-lo para comê-lo, fizeram o fogo.

No momento que depositaram o dono no fogo, o morto saltou e sacudiu, dizendo ao sapo: - Aposse-se do fogo!

Os Tups saem voando já transformados em abutres e levam todo o fogo existente.

Mas o sapo tinha engolido alguns carvões acesos. Ao cuspir, havia duas pequenas brasas. Uma foi depositada na cápsula seca de pindoba e a outra num ramo de chirca.

Foi o sapo que fez existir o fogo neste mundo.
(CROATTO, 2001, p. 459-460. Texto adaptado).

Atividade

Leia os textos 1 e 2, que tratam do roubo do fogo, e, em seguida, responda às questões:

- Quais foram as consequências do roubo do fogo? E o que significa ter o domínio do fogo?
- Crie uma história em quadrinhos com as histórias: “Fogo, o presente divino” e “A origem do fogo segundo os mbyá-guarani.”

O que o fogo tem a ver com religião?

O homem primitivo acreditava que os acontecimentos da natureza eram forças divinas e superiores ao ser humano. Acreditavam, então, que o fogo era o elemento que separava o mundo visível do invisível.

O homem promovia rituais que muitas vezes tinham uma aparência assustadora, por oferecerem aos Deuses aquilo que consideravam preciosos e queridos como alguns grupos que ofereciam seres humanos ou animais, queimando-os em fogueira.

Por muito tempo a crença de queimar seres humanos e animais em oferenda aos Deuses existiu, um exemplo era a civilização Asteca, que vivia na região que atualmente é o México. Aos poucos esses rituais foram sendo substituídos por cerimônias simbólicas, como a fogueira, que passou a ser representada pela vela, tocha, lamparina, candelabro e até mesmo lâmpadas elétricas.

As cerimônias simbólicas passaram a ter grande importância por representar e expressar conceito ou sentido, ligando o mundo visível com o invisível, além de contribuir para a imaginação.

Fogo: símbolo sagrado nas diversas religiões

O *yajña* é o ritual do fogo sagrado para os hindus, também chamado *agnihotra*, *homa* ou *havana*.

O fogo é um símbolo muito poderoso para o Hinduísmo, pois acreditam que o seu calor transmite bênçãos de Deus e representa também a consciência material. Existe o *samagri*, que é uma mistura de ervas medicinais, doces e cereais que se oferece ao fogo. Além da função de purificar o ambiente, o ser humano também precisa estar disposto em queimar seu ego; ofertar ao fogo seus sentimentos, suas emoções, seus pensamentos, não para destruí-los, mas sim para transformar e purificar.

Então, o que torna o fogo sagrado não é o ritual exterior, mas a atitude com que fazemos o ritual.

Em algumas festas religiosas do Hinduísmo encontramos o fogo como representação simbólica, um exemplo é a festa Divali (significa fileira das luzes), considerada a festa da luz no mês de outubro. Nela são acesas lamparinas de óleo que são queimadas no beiral das janelas e das imagens dos Deuses, celebrando assim o dia do Ano Novo.



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_JWe78m7UKn8/TDK6VhzApfl/AAAAAAAAAkc/np4M-P2RlhU/s1600/fogo_chamas_fogueira_1024x768_2.jpg

Outra comemoração dos hindus em que aparece o fogo como elemento símbolo é a Holi, também conhecida como festival das cores, que celebra a chegada da primavera numa grande festa com fogueira em honra à Kama, Deus do amor.

O ritual do fogo também aparece nas celebrações de casamento dos hindus, pois através dele invocam os Deuses a fim de levarem uma vida religiosa gloriosa. Outro ato na celebração do casamento, em que temos como símbolo o fogo sagrado, é quando o casal oferece arroz e manteiga ao fogo, representando a igualdade de direitos e deveres.

Somente quando o casal dá as quatro voltas ao redor do fogo sagrado é que são considerados marido e mulher, pois esse momento é conhecido como mangal fera (ciclo da vida). Nessas voltas, o homem promete a sua futura mulher que a manterá com ele e a protegerá por toda a sua vida e, na última volta, a mulher adianta-se prometendo guiar seu futuro marido pelos caminhos da verdade. Para o hinduísmo esse ritual das quatro voltas ao redor do fogo sagrado é importante, pois representa: dharma (religião, dever e retidão), artha (prosperidade), kama (energia e paixão) e moksha (libertação).

Para os muçulmanos, a figura de Muhammad (Maomé), grande profeta, é tida como o símbolo de uma tocha viva. Uma ligação entre a Terra e o mundo de Alá.

Nas comunidades das florestas é comum as pessoas se reunirem em torno da fogueira e ouvirem dos anciãos histórias sobre a criação do mundo e dos espíritos, neste local também dançam, cantam e fazem suas preces.



Fonte: SEED/DITEC

Para o Judaísmo o fogo é representado no candelabro de sete pontas, conhecido como Menorah. Sua representação rememora a criação do mundo por Deus em seis dias e o sétimo dia é chamado de Sabbath, o dia do descanso para os judeus.

O candelabro é representado na festa de Hanucá ou Chanucá, no mês de dezembro, e representa a vitória dos judeus sobre os sírios no ano 165 antes de Cristo.

Sua celebração é anual e representa a sobrevivência espiritual dos judeus, pois o rei Antíoco IV declarou ilegais as práticas religiosas judaicas e forçou os judeus a adotarem rituais gregos.

Diante da situação, os judeus lutaram contra essas imposições religiosas gregas e procuraram reconstituir os templos judaicos, dando origem à festa de Hanucá ou Chanucá, o milagre do óleo - em resistência às práticas religiosas gregas, os judeus não tinham óleo suficiente para manter o Memorah, ou candelabro aceso, mas, por um milagre, o óleo durou 8 dias.

No Judaísmo e no Cristianismo, além do candelabro, outra forma em que o fogo aparece como símbolo é na passagem bíblica em que Deus se manifesta a Moisés como fogo: “O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia. Então Moisés pensou: ‘Vou chegar mais perto e ver essa coisa estranha! Por que será que a sarça não se consome?’ Javé viu Moisés que se aproximava para olhar. E do meio da sarça Deus o chamou:

‘Moisés, Moisés!’ Ele respondeu: ‘Aqui estou’. Deus disse: ‘Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado’.” (Ex. 3, 2:5, BÍBLIA, 1987).

Para os católicos o fogo pode ser encontrado em diversas comemorações, representando a luz de Cristo presente no coração das pessoas. Na Semana Santa, no Sábado de Aleluia, é realizada a bênção do fogo por meio da fogueira, sendo o fogo bento utilizado em outras celebrações, como no batizado, que, pela vela acesa, simboliza o sinal da fé entregue ao indivíduo.

Para os cristãos a comemoração do dia de Pentecostes que se dá após 50 dias depois da Páscoa, significa a descida do Espírito Santo, que vem com a intenção de transformar, purificar as pessoas, acendendo ou revivendo a sua fé.

Este Espírito Santo que desceu na forma de línguas de fogo sob os seguidores de Jesus que estavam reunidos num mesmo lugar trouxe dons aos servos de Deus, como o de falar em outras línguas.

No Zoroastrismo, religião encontrada principalmente na Índia, tem como símbolo o caldeirão do fogo, que representa pureza e eternidade, considerado o símbolo de veneração, purificador e sustentador na natureza do sol.

O fogo para o Zoroastrismo é chamado de Arar Behram, que queima em todo o templo. Esse fogo sagrado jamais irá se acabar por ser imortal, sendo constantemente mantido, e representa Deus. As cinzas são aplicadas na testa em sinal de destruição das impurezas.

Atividade

a) Cristão é todo aquele que professa e acredita em Jesus Cristo. Pesquise em jornais, revistas, internet, quais são as religiões históricas consideradas cristãs.

b) Conforme o texto, percebemos que o fogo é um símbolo para diversas religiões. Relacione a primeira coluna com a segunda:

- | | |
|------------------------------|--|
| (1) Muçulmanos | () Espírito Santo |
| (2) Cristãos | () Representa Deus |
| (3) Zoroastrismo | () Tocha Viva |
| (4) Hindus | () Calor que transmite bênção de Deus |
| (5) Animismo | () Candelabro de 7 pontas |
| (6) Judaísmo | () Força divina |
| (7) Comunidade das florestas | () Feito fogueira para os ensinamentos sobre a criação do mundo |

Encontro entre líderes religiosos – Vela como símbolo

No dia 24 de janeiro de 2002 em Assis, na Itália, o papa João Paulo II organizou um encontro entre Cardeais católicos romanos, muçulmanos, rabinos, monges budistas, sikhs, bahis, hindus, jainistas, zoroastristas e membros de religiões tradicionais africanas com a intenção de reforçar a mensagem após os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos: “que a religião não deve ser um motivo para conflitos no século XXI” (PAPA JOÃO PAULO II).

Cada líder religioso assinou um “Compromisso Comum pela Paz” e, como símbolo desse compromisso, acenderam uma vela indicando que, mesmo tendo diferenças em suas crenças todas as religiões pregam a paz entre a humanidade e que todo ato de violência não tem relação com religião.

Nesse dia de oração pela paz, diversos líderes religiosos se reuniram com o mesmo objetivo, porém não significou sincretismo, pois cada líder rezou conforme suas crenças, em lugares diferentes. Segundo o Papa João Paulo II: “Não se dissipam as trevas com as armas, mas acendendo focos de luz”.

O fogo também é considerado um dos 4 Elementos Naturais

Empédocles, filósofo grego que viveu entre 492 a 434 a.C., foi o primeiro a estudar os quatro elementos da natureza: terra, ar, água e fogo, chamando tais elementos de raízes. Para ele, da mistura desses quatro elementos é que surgiam as coisas. Todas as ações da natureza seriam consequências da combinação e interação dos quatro elementos primordiais que se combinam e se separam, mas nunca nascem ou morrem.

As tradições religiosas também atribuem significados aos quatro elementos naturais. Como, por exemplo, podemos encontrar nas religiões de tradição africana relações desses elementos com divindades: Exu – elemento fogo; Oxum – elemento água; Nana – elemento terra; Oxalá – elemento ar.

Vejamos cada um desses quatro elementos:

Água

A água é essencial ao mundo inteiro e é ela que mantém a vida. Nas tradições religiosas, a água pode ser encontrada em diversos ritos por representar a fonte de vida. Ela apresenta também a função de desintegrar, extinguir as formas, “lavar o pecado”, purificar e regenerar ao mesmo tempo.

Terra

A terra é que dá forma e estrutura a tudo que existe. É o centro do universo. Lugar em que ocorre a transformação, valorizada por ter a capacidade infinita de produzir frutos. Nela está a simbologia da maternidade, além de ser a fonte de todas as formas vivas, de guardiã das crianças e de matriz, na qual se sepultam os mortos.

Ar

O ar representa o meio onde acontece o início de todas as ações e realizações humanas. Estamos em constante união com esse elemento, pois é através do ar que respiramos e, se ficarmos alguns instantes sem ele, isso pode significar a morte.

Fogo

O fogo representa a mudança contínua, contraste e harmonia. O fogo pode estar relacionado com a vida e com a morte. A simbologia do fogo nas tradições religiosas está em libertar e purificar.

Atividade

As tradições afro-brasileiras relacionam os quatro elementos como divindades. Pesquise na internet os orixás e qual é o elemento da natureza de cada um deles.

Vocabulário

Abutre - Ave de rapina, diurna, grande.

Desguarnecido - sem guarnição; desmobiado.

Doravante - de agora em diante, para o futuro.

Festa Divali - fileira das luzes.

Kama - Deus do amor na antiga arte hindu.

Nômades - tribos errantes que não têm habitação fixa.

Outorgado - concedido, aprovado, consentido, doado.

Sincretismo - fusão de concepções religiosas diferentes ou influência exercida por uma religião nas práticas de uma outra.

Yajña - ritual simbólico do hinduísmo.

Referências

BÍBLIA Sagrada. 43. ed. São Paulo. Edições Paulinas.1987.

CROATTO, J. S.. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 200. p. 459-460.

STEPHANIDES, M. Prometeu, os homens e outros mitos. São Paulo: Odysseus, 2001. p. 16-17.

BARBOSA, E. S. História. Curitiba: Positivo, 2005. p 18-27.

BAYARD, Jean-Pierre. Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996. p. 16-29.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Paulus, 1990.

BONFIM, B. B. História geral e do Brasil. Ensino Fundamental, 5ª série – 1º Bim. Curitiba: Posigraf, 2005. p. 02-08.

BUENO, S. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

CANÇÃO NOVA. Disponível em: <www.cancaonova.com>. Acesso em: 25 maio 2009.

CHASSOT, A. A ciência através dos tempos. São Paulo: Moderna, 1994. p. 41-45.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: [s.n.]. p. 252-267.

DREGVER, R. História: conceitos e procedimentos. 5ª série. 1. ed. São Paulo: Atual, 2006. p. 21-25.

ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 15-22.

_____. Tratado de História das religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 153-212.

FERREIRA, Francisco. Os quatros elementos. Disponível em: <<http://www.acasadoaprendiz.com/osquatroelementos.htm>> Acesso em: 18 maio 2009.

FERREIRA, J. R. M. História. 5ª série. São Paulo: FTD, 1997. p. 41-49.

PARANÁ. Filosofia. Vários autores. Curitiba: Seed-PR, 2006. p. 32

GOWDAK, D. Coleção Ciências, novo pensar. São Paulo: FTD, 2002. p 40-42.

IMAGICK. Instituto de pesquisa psíquica. Prometeu. Disponível em: <www.imagick.org.br/pagmag/pardal/mitologia/prometeu.html>. Acesso em: 25 maio 2009.

MACIEL JR, A. Pré-Socráticos – A invenção da Razão. 2. ed. São Paulo: 2007. p. 110-124.

MARCHON, B. As grandes religiões do mundo. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTELLI, S. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 134-171.

NORLOCH, R F. Redescobrimdo o universo religioso: ensino fundamental, Petrópolis: Vozes, 2001. p 10. v. 5.

OLIVEIRA, Pr. Elias R. Dons hoje? Línguas. Disponível em: <www.vivos.com.br/71.htm>. Acesso em: 25 maio 2009.

PETTA, N L. de. História: uma abordagem integrada. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005. p.16. Volume único.

REALE, G. História da filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

A ÁGUA COMO SÍMBOLO SAGRADO

Luzia Maria Belniok¹

“A água é a fonte de toda a vida.”

(Alcorão)

“A água é a maior sustentadora, portanto é como uma mãe.” (Taittiriya Samhita)

“Enquanto o poço não seca, não sabemos dar valor à água.” (Thomas Fuller)

*“Os desejos humanos são infindáveis. São como a sede de um homem que bebe água salgada, não se satisfaz e a sua sede apenas aumenta.”
(Textos budistas)*

*“Nenhuma medida poderia contribuir mais para reduzir a incidência de doenças e salvar vidas no mundo em desenvolvimento do que fornecer água potável e saneamento adequado para todos.”
(Kofi Annan)*



Fonte: SEED/DITEC

Atividade

- a) Escute as músicas Planeta água, de Guilherme Arantes, e Planeta Azul, de Chitãozinho e Xororó, e registre os sentimentos que as letras das músicas lhe transmitem.
- b) As músicas apresentam algum significado religioso? Justifique.
- c) As músicas discutem a preservação e a importância da água? Por quê?



Fonte: SEED/DITEC

Da água surgiu a vida, de um curso d'água nasce uma civilização

Na formação das cidades e das vilas, os rios foram fundamentais. Não é por acaso que os grupos humanos procuram, desde tempos remotos, a margem dos rios para se fixar. Nesses lugares desenvolveram-se antigas cidades construídas pela humanidade. Exemplos dessas sociedades são a dos sumérios (nas proximidades dos rios Tigre e Eufrates), a dos egípcios (nas margens do Rio Nilo), a dos chineses (nos vales dos Rios Amarelo e Azul) e a dos indianos (nas margens do Rio Indo).

A ÁGUA COMO SÍMBOLO SAGRADO PARA AS RELIGIÕES

A água é fonte de vida e também aparece como um símbolo sagrado para as manifestações religiosas através dos rituais religiosos e da crença de purificação. Ela é considerada purificadora na maioria das religiões, dentre elas o Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo, Xintoísmo e Tradições Afro-brasileiras.

Nas igrejas cristãs encontramos rituais como batizados e bênçãos que utilizam a água como símbolo sagrado.

No Judaísmo e no Islamismo destina-se aos mortos um banho de água purificada, simbolizando a passagem para a nova vida espiritual eterna. No Islamismo, os fiéis, antes de praticarem as orações diárias, devem lavar parte do corpo com água limpa.

Nas cerimônias Xintoístas, a água é um elemento natural purificador que livra do mal e das impurezas.

Nos santuários, há uma pia com água corrente onde os fiéis fazem seus rituais de purificação.

Na religião de *Wicca* (culto à divina Mãe), a água também tem por finalidade purificar, sendo usada na limpeza astral como meio de mandar para fora todas as negatividades e afugentar as energias estranhas.

Por esta razão são elaborados banhos especiais: do amor, da paz e das oportunidades, nos quais são usadas plantas como alecrim, erva-doce, manjeriço, tomilho, menta, entre outros.

Hinduísmo

Küng (2004) diz que para o Hinduísmo os rios são considerados sagrados, porém não existe nenhum rio mais importante nem mais sagrado do que o Ganges. Vamos conhecer um dos mitos relacionados a esse rio?

Um dos mitos sobre o surgimento do rio Ganges conta que o Rei dos Oceanos, muito forte e poderoso, conseguiu massacrar todos os demônios da Terra. Certa vez ele fazia um ritual de sacrifício de um cavalo para proclamar sua supremacia sobre outros Deuses. Então Indra, o Deus da Chuva, ficou com medo de perder seu poder e roubou o cavalo do Rei dos Oceanos e o amarrou ao lado de Kapil, um sábio que meditava.

O Rei dos Oceanos mandou seus 60 mil filhos procurarem o cavalo. E eles assim o fizeram. Encontraram o cavalo ao lado do sábio que meditava. Pensaram ter encontrado o ladrão e conspiraram contra ele. Ao sair de sua meditação Kapil viu que iriam lhe fazer mal, então reduziu os 60 mil filhos do Rei dos Oceanos a cinzas.

O neto do Rei correu para contar ao avô o que aconteceu. Ele se chamava Anshuman, e foi ele quem trouxe o cavalo de volta. Bem, o único jeito para que os filhos do Rei chegassem até a abóbada celeste seria se Ganges descesse do céu até a terra, para que as águas pudessem purificar as cinzas de seus filhos. Mas Anshuman não conseguiu e então foi até o Himalaia e começou a meditar. Foi aí que Ganges (a Deusa Ganga) lhe apareceu em seu corpo físico e concordou em descer até a Terra desde que alguém pudesse amortecer o impacto de sua poderosa queda, pois ele era tão forte e imenso que toda a Terra poderia ser destruída pelo impacto. Então o neto do Rei dos Oceanos implorou para que Deus Shiva suavizasse o impacto da descida do Ganges usando seus próprios cabelos. Assim foi... e o Ganges desceu pelos cabelos de Shiva até o lugar onde estavam as cinzas dos 60 mil filhos. Deste modo purificou suas almas e abriu o caminho deles para chegarem aos céus. (BIODIVERSIDADE Ambiental, 2008.)

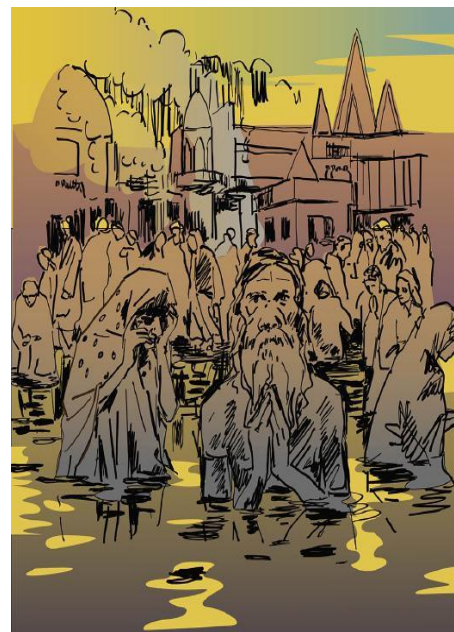
Para o Hinduísmo o rio Ganges é a continuação do céu e também a ponte sagrada para o divino.

É comum ver hinduístas banhar-se no rio para obter a purificação dos pecados do espírito e do corpo; e os fiéis, nos rituais fúnebres, lançarem as cinzas dos mortos, seguindo o exemplo dos “filhos do rei Sagar”, a fim de conseguir efetuar a transição para os céus.

A crença hinduísta baseia-se na ideia de um ciclo sucessivo de nascimento, morte e renascimento. Para se libertar desse ciclo a cada reencarnação, é preciso levar uma vida voltada para o bem. Uma vida pacífica, dedicar-se a estudos, a meditações e as orações são maneiras de alcançar o seu ideal de vida, e, se possível, após a morte, é bom ter as cinzas lançadas no Ganges.

“[...] Ao contrário do mar, que é “masculino”, para eles o Ganges é “feminino”, chamam-no Mãe Ganga [...]” (KÜNG, 2004, p. 58).

“[...] Desde tempos antiquíssimos, o banho (snana) serve para os indianos como um ato de purificação (sodhana). Quando corretamente realizado, ele alcança a pureza do corpo e, ao mesmo tempo, a santidade espiritual. Melhor do que em águas paradas, e melhor ainda do que no mar, onde se reúne toda impureza, o banho é feito na água corrente de uma fonte ou de um rio. E que rio haveria de ser mais adequado, que rio seria mais eficaz para isso do que o mais sagrado dos rios, Mãe Ganga? Seja qual for a água que se utilize, diz-se na Índia, ela deve ser considerada como água do Ganges, mesmo sem o ser. Nos degraus sagrados do banho – os ghats (ghatas), que pretendem facilitar aos fiéis o acesso à água – o banhista se une ao céu e à terra” (KÜNG, 2004, p. 59).



Fonte: SEED/DITEC

A água do Ganges também é bebida e levada para casa, como água benta, para rituais domésticos ou no templo.

Islamismo

A ablução

Ó vós que sois crentes! Quando vos dispuserdes à Oração, lavai o rosto e as mãos até os cotovelos! Passai a mão pela cabeça e os pés até os tornozelos!

Se estais sujos, purificai-vos!... e, se não encontrardes água, recorrei a boa areia e passai-a sobre o rosto e as mãos!

(Corão apud FREITAS, s.d.)

De acordo com os textos sagrados que fazem parte do Alcorão, os muçulmanos devem fazer uma oração conhecida como salat, cinco vezes por dia. Elas podem ser feitas em qualquer lugar, desde que a pessoa esteja com o corpo voltado em direção a Meca.

Para tanto, devem estar ritualmente limpos.

Por isso, nas mesquitas há áreas especiais, chamadas de áreas de lavagens ou abluções, onde os fiéis muitas vezes banham o corpo inteiro ou então lavam os pés, as mãos, a boca, o rosto e os antebraços. Se a pessoa estiver num local onde o uso da água não é aconselhável (porque pode causar uma doença), pode substituir as abluções pelo uso da areia ou terra.

Para os muçulmanos, o Corão não deve ser tocado com as mãos sujas e espírito impuro, é necessário que se lavem as mãos com água ou areia. Pense bem: em desertos onde a água é escassa, a areia cumpre a função de limpar.

Atividade

Além de ser vital para a sobrevivência do ser humano, indique outras finalidades da água nas práticas religiosas e apresente para turma.

Candomblé

Iemanjá, orixá feminino, representada pela água, é cultuada no Candomblé. Também é considerada a mãe dos orixás e de todos os que acreditam. Seu nome vem do ioruba, no qual significa Yemojá: Yiye Omo, a mãe dos filhos-peixe. (REVISTA HORIZONTE, n. 68, p. 64-65).

Seu culto vem da atual Nigéria, mas em Luanda, Angola, a divindade conhecida como Kiandra recebe homenagens de oferendas no mar iguais são feitas no Brasil. (LOPES, 2006, p.78).

As homenagens para Iemanjá, no Brasil, acontecem em datas diferentes, dependendo da região. A mais conhecida é na passagem do dia 31 de dezembro para 1º de janeiro, onde milhares de pessoas reúnem-se à beira do mar para prestar homenagem à grande mãe de todos os mares e oceanos. Nesse dia, os que acreditam levam flores e perfumes, pulam sete ondas e tomam banho de champanhe. É o momento de se pedir por um ano melhor que o anterior e também tem como objetivo a purificação.

Os rituais das festas ocorrem de maneiras diferentes.

Em Salvador, no dia 2 de fevereiro, se realiza a maior cerimônia do Candomblé para a grande mãe dos orixás. A celebração envolve milhares de adeptos que, trajados de branco, saem em procissão até o templo-mor, localizado próximo à foz do Rio Vermelho, onde depositam variedades de oferendas, tais como espelhos, comidas, joias, perfumes entre outros.

Outra grande festa ocorre em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 8 de dezembro, devido ao sincretismo com Nossa Senhora dos Navegantes. A festa católica acontece na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na Cidade Baixa, enquanto os seguidores do Candomblé realizam suas celebrações na areia.



SAIBA MAIS

O grande poeta brasileiro Manoel Bandeira escreveu um poema dedicado à Iemanjá, também chamada de Janaína, que foi musicado por Mignoni. Vamos conhecê-lo? Acesse o site KD Letras (<http://kdletras.com/maria-lucia-godoy/dona-jana%C3%ADna>) na voz da cantora lírica Maria Lúcia Godoy.

Atividade

- Que sensações, sentimentos e pensamentos a música “Dona Janaína” lhe trouxe? Expresse isso por meio de uma pintura, escultura ou dança.
- Recorte de revistas e/ou jornais figuras, entrevistas, reportagens que falem sobre as comemorações afro-brasileiras e organize uma exposição na escola.
- Encontre na música popular brasileira alguma música que trate de algum orixá.

Umbanda

Para os adeptos da Umbanda, a água também é um elemento primordial. Ela está presente nos rituais de consagração bem como nos banhos ritualísticos, os quais, de maneira geral, têm por finalidade a troca energética entre o indivíduo e a natureza, restabelecendo o equilíbrio energético físico, mental e espiritual da

pessoa. Esses banhos também são conhecidos como “banho de cheiro”, por serem empregadas ervas aromáticas.

A composição de cada banho varia consideravelmente, pois tem sua base em nossa flora tropical, tão rica em essências e ervas aromáticas.

Há banhos especiais para determinados trabalhos ou durante o desenvolvimento mediúnico, como também para trazer sorte, saúde e felicidade. Os pretos velhos apreciam muito receitar tais banhos.



Que pretos velhos indicam banhos para crianças? Por exemplo:

Para as crianças que demonstram mal-estar, inquietação, tornando-se excessivamente desordeiras, com tendência para a desobediência, utiliza-se arruda, folhas de laranjeira, um pouco de mel, hortelã, erva-doce, rosas brancas e marcela.

A água que foi usada no banho não deve ficar no chão, lugar que outra pessoa possa pisar, deve ser escoada pelo ralo do banheiro ou jogada em água corrente de rio ou riacho. As ervas, depois de coada a água, devem ser jogadas em lugar distante em água corrente.

Atividade

- a) Com o auxílio do professor ou professora, pesquisem na internet, em revistas, jornais e livros. Procurem por outros tipos de banhos realizados nos rituais de Umbanda, como: banho de descarrego, de defesa, de energização, iniciação e outros. Organizem um mural a ser exposto na escola.
- b) Vamos fazer um desenho coletivo? Em círculo, numa cartolina, o primeiro participante inicia um desenho sobre as religiões estudadas. Depois de um tempo determinado pelo professor, passa para o próximo colega, e assim consecutivamente, até que todos tenham participado. Na sequência, comentar com a turma o que foi desenhado e o que ainda poderia ser acrescentado.

Cristianismo

No cristianismo a água também faz parte de vários rituais sagrados. É usada para purificar as mãos do sacerdote, para ser misturada com o vinho, simbolizando a união da humanidade com a divindade de Jesus. Também é um dos elementos essenciais do batismo (do verbo grego baptizein: “imersão em água”), sacramento que simboliza o rito celebrado por João Batista e em obediência apostólica à ordem de “batizar em nome de Jesus Cristo”, indicando a purificação dos pecados pela fé cristã e consequente ingresso na comunidade dos fiéis. (MARTINI, 2002, p.54).

O batismo representa morte, sepultamento e ressurreição. Ao mergulhar na água, a pessoa é sepultada como Cristo foi sepultado e, ao sair dela, ressuscita-se como Jesus ressuscitou. “Simbolicamente, o homem morre através da imersão e renasce purificado, renovado, exatamente como Cristo ressuscitou do seu túmulo” (ELIADE, 1992, p.160).

Na Bíblia (1987), encontra-se o significado do batismo, nas seguintes passagens:

“Vós não sabeis que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Nós fomos, pois, sepultados com ele, a fim de morrer (para o pecado) pelo batismo, para que assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova. Porque, se nos

tornamos uma só planta com Cristo, por uma morte semelhante a dele, o mesmo sucederá por uma ressurreição semelhante.” (Rm, 6:3-5).

“Sepultados com ele no batismo, nele, também ressuscitaste pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos.” (Cl, 2:12).

A água também é aspergida pelo sacerdote com uma trouxinha verde de alecrim, hortelã, erva-cidreira e outras plantas cheirosas em vários momentos - abençoar os alimentos, as pessoas, as alianças.

Simbolismo do dilúvio

Muitas civilizações possuem em suas tradições religiosas histórias sobre uma grande enchente que arrasou a terra, conhecida como dilúvio, no qual quase toda a humanidade pereceu e poucos se salvaram. Elas apresentam claramente a instauração de uma nova época, ou seja, uma época é abolida pela catástrofe e uma nova era começa constituída por uma nova humanidade.

No Cristianismo

Segundo a Bíblia (1987, Gn 6:12) Deus, vendo o mau comportamento da humanidade, decide inundar a Terra e destruir toda vida. Porém, como Noé era um homem justo e íntegro entre os homens do seu tempo, segue as instruções divinas e constrói uma arca para ele e a esposa, seus filhos Sem, Cam e Jafét e suas esposas e também um casal de cada espécie animal.

Noé, sua família e os animais são abrigados na arca e então tem início a inundação, com uma chuva que caiu sobre a Terra por 40 dias e 40 noites.

Após alguns meses, quando as águas começaram a baixar, Noé enviou uma pomba, que lhe trouxe um ramo de oliveira, com as folhas verdes. A partir daí, os descendentes de Noé teriam repovoado a Terra, dando origem a todos os povos conhecidos.

Nos Sumérios

Conta o mito que em uma cidade às margens do famoso rio Eufrates, onde viviam o Deus do Céu, seu Conselheiro e também o supremo Deus Ea, a população se multiplicava muito e fazia muito barulho. Então o Deus do Céu reclamou de todo aquele barulho na assembleia dos Deuses.

Por ser tão barulhenta, a humanidade deveria acabar! Essa foi a decisão da assembleia dos Deuses: vamos enviar um dilúvio e acabar com tudo isso! Então o Deus Ea aparece num sonho para Utanapistim e contou a ele sobre a decisão dos Deuses. Assim, Utanapistim pôde reunir toda a sua família e construir uma embarcação, conforme lhe foi ordenado por Ea. O dilúvio aconteceu e todos ficaram sete dias embaixo da água, isso acabou com os humanos, menos esse homem e sua família no barco. Todos os outros haviam retornado ao barro. Ele chorou de tristeza ao ver tudo isso, procurou pela terra, mas não a encontrou. Somente avistou o Monte Nisir. Ali encalharam e ficaram por sete dias, então resolveu soltar nos céus uma pomba, que voou para longe e não tendo encontrado onde pousar retornou. Foi à vez de soltar um corvo, que voou para longe não encontrou alimento e nunca retornou. (FABER, 2013.)

Na Mitologia greco-romana

Também nessa civilização encontramos mito do dilúvio, desta vez imposto por Zeus a fim de exterminar a raça humana. Justamente pelos pecados das pessoas, por estarem se degenerando e se entregando a vícios e maldades, elas recebem esse castigo. No entanto, um homem fica sabendo das intenções de Zeus e orienta seu filho a construir um barco para ele e sua esposa. Depois do dilúvio apenas esse casal sobrevive e Zeus resolve perdoar os sobreviventes e lhes concede a realização de um desejo. O casal pede o repovoamento da Terra.

Refletindo, percebemos que o mito do dilúvio conta sempre que a humanidade desaparece como punição por seus “pecados”. Tudo é lavado com água, o dilúvio limpa e purifica e assim surge uma nova humanidade. No próprio batismo com água muitas vezes se encontra a representação do próprio renascimento como nova pessoa.



Fonte: SEED/DITEC

Atividade

- a) Em equipes, monte uma cena que represente o batismo e apresente para seus colegas.
- b) Crie uma história em quadrinhos para representar o dilúvio. Depois leia para seus colegas e organize um mural.

Religiosidade e a água

A água também está presente na sabedoria popular, fazendo parte de rituais, benzeduras, dentre outros.

Há orações que são feitas junto a um copo de água e, ao beber dessa água, acredita-se na melhora ou na cura.

Em outros momentos, batizados são realizados em rios ou em determinados olhos d'água.

Nos dias de chuva, com o intuito de que o tempo venha a clarear e que o sol apareça, há crença de que colocando ovo no telhado e fazendo uma oração para Santa Clara o pedido seja atendido.

Atividade

- a) Formem grupos de quatro pessoas e elaborem um cartaz que tenha por finalidade apresentar a água como elemento sagrado de muitas religiões.
- b) Criar maquetes que mostrem rituais religiosos com a utilização da água.

Vocabulário

Ablução - ato de se lavar.

Abóbada celeste - firmamento, céu.

Alcorão ou Corão - livro sagrado do islamismo.

Benzeduras - ação de invocar proteção divina, abençoar.

Ghats - escadas, degraus que levam ao rio.

Meca - cidade onde nasceu Maomé, considerada pelos muçulmanos a mais sagrada.

Pretos velhos - entidades da Umbanda tido como espíritos purificados de antigos escravos. São sempre exemplos de bondade, carinho e sabedoria, agindo como ancestrais protetores, aconselhando e admoestando, quando necessário. (LOPES, 2006. p. 136).

Salat - são as orações que cada muçulmano deve realizar cinco vezes por dia em hora determinadas e voltado para Meca.

Snana - banho que para os indianos tem por finalidade purificar.

Sodhana - ato de purificação.

Sumérios - uma das mais antigas civilizações.

Tomilho - planta nativa da Europa, pouco conhecida no Brasil. Possui propriedades medicinais e apresenta o gosto semelhante ao do orégano, tendo espaço também na culinária.

Referências

BÍBLIA Sagrada. 43. ed. São Paulo. Edições Paulinas, 1987.

ELIADE, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FABER, M. E. E. A história do dilúvio: dilúvio universal ou local. Revista Historiador. Disponível: <<http://www.historialivre.com/univerzo/diluvio.htm>> Acesso em 29 abril 2013

FREITAS, G. de. 900 textos e documentos de História. Lisboa: Plátano, s.d., v.1, p.120.

KÜNG, H. Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns. Tradução de: Carlos Almeida Pereira. São Paulo: Verus Editora, 2004.

LOPES, N. Dicionário escolar afro-brasileiro. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

MARTINI, L. Cristianismo. Tradução e edição de: Anna Maria Quirino. São Paulo: Globo, 2002.

REVISTA HORIZONTE. Edição histórica dos 500 anos, ano 13, n. 68.

ÁGUA pura é cultura. O significado da água na religiosidade popular. Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/aguapura.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2008.

CAPRA, F. As conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável. Tradução de: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2005.

BÍBLIA Sagrada. 43. ed. São Paulo. Edições Paulinas, 1987.

BIODIVERSIDADE Ambiental. Águas sagradas. O Ganges Sagrado. Disponível em: <http://www.imediata.com/biodiv/shiva_aguassagradas.html> Acesso em: 10 nov. 2008.

FABER, M. E. E. A história do dilúvio: dilúvio universal ou local. Revista Historiador. Disponível: <<http://www.historialivre.com/univerzo/diluvio.htm>> Acesso em 29 abril 2013.

FIGUEIREDO, A. de P. Ensino religioso: perspectivas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

KARDEC, A. O evangelho segundo o espiritismo. 223. ed. Araras, SP: 1998. p. 327.

KD Letras. Dona Janaína (Letra, música e clipe). Disponível em: <<http://kdletras.com/maria-lucia->

godoy/dona-janaína>. Acesso em: 06 abr. 2009.

MARTELLI, S. A religião na sociedade pós-moderna. São Paulo: Paulinas, 1995.

